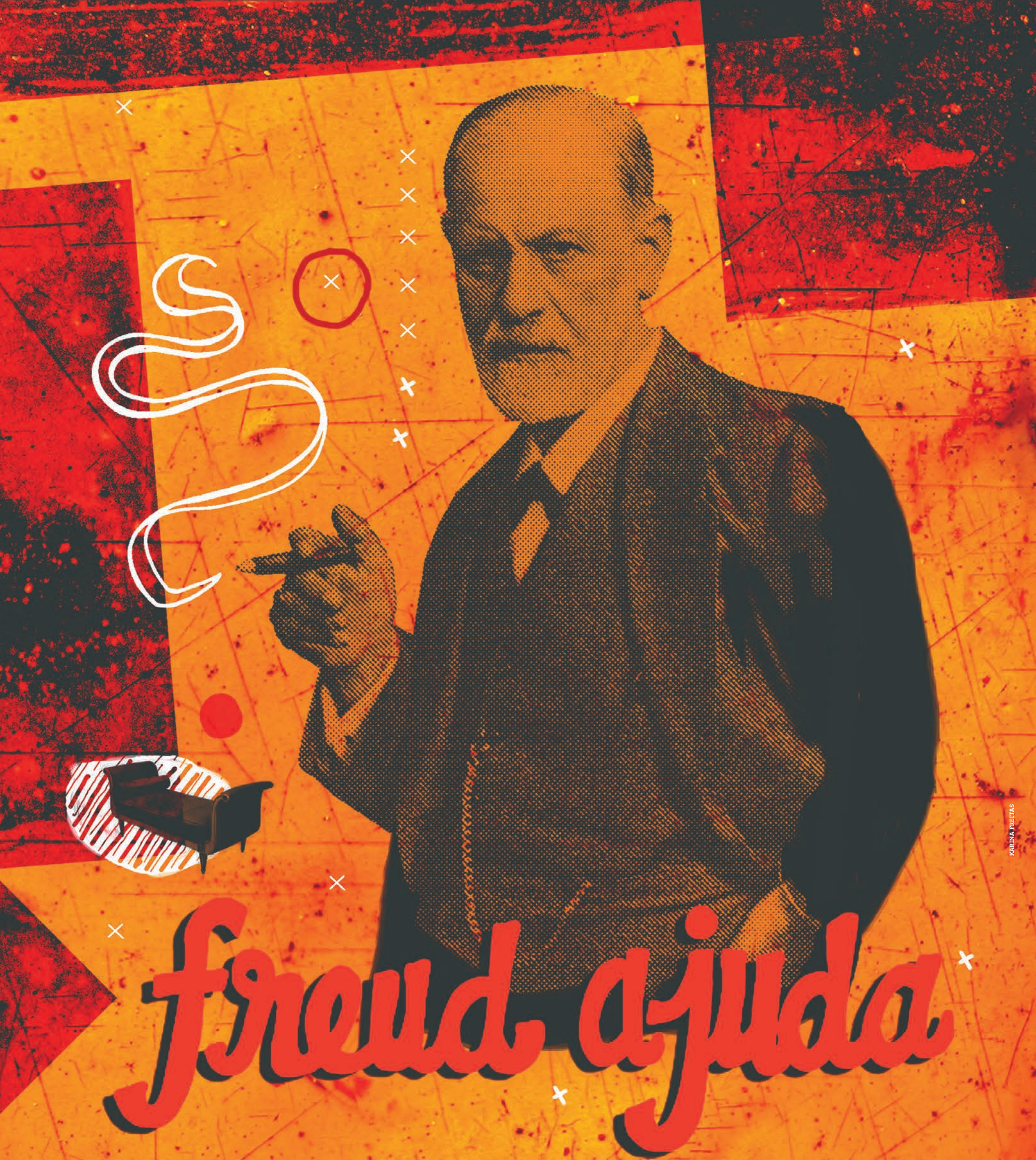


PERNAMBUCO



ESPECIALISTAS COMENTAM O TOM DA ESCRITA FREUDIANA
QUE OFERECE INÚMERAS PASSAGENS PARA O LEITOR, MAS
NENHUMA SAÍDA, COMO NOS LIVROS DE AUTOAJUDA

GALERIA FLORA PIMENTEL

“O amanhecer, por si só, já oferece um momento de beleza. Estar perdido em alguma estrada na saída de Garanhuns, quando nenhum GPS funciona, só não foi desesperador pelo foggy que se derramava na estrada e transformava a já bela paisagem em um lugar de fantasia. A foto foi feita às 5h50, de dentro do carro, com a câmera do celular.”
<http://www.flickr.com/photos/florapimentel/>



COLABORADORES



Cecília Giannetti, jornalista e autora de *Lugares que não conheço, pessoas que nunca vi* (Agir)



Julián Fuks, jornalista e autor de *Procura do romance* (Record)



Paulo Carvalho, jornalista e mestre em comunicação social.

E MAIS

Cristhiano Aguiar, escritor e doutorando em Teoria Literária. **Ronaldo Cagiano**, é mineiro de Cataguases e vive em São Paulo. Autor, dentre outros, de *Dicionário de pequenas solidões* (Contos, Língua Geral, Rio, 2006) e *O sol nas feridas* (Poesia, Dobra Editorial, SP, 2011). **Reginaldo Pujol Filho**, faz Pos-Graduação em Artes da Escrita na Universidade Nova de Lisboa e é autor dos livros *Quero Ser Reginaldo Pujol Filho* e *Azar do Personagem, não?*

CARTA DO EDITOR

Há alguns meses a bela edição que a Cosac Naify lançou de *Luto e melancolia* de Freud entrou na lista dos 10 livros mais vendidos do Brasil, uma surpresa para um autor que é tratado com tanto receio e dualidade (é impossível ser indiferente ao pensamento freudiano: é sempre amor ou ódio). Apesar de estar longe de ser uma obra de autoajuda, *Luto e melancolia* traz uma linguagem clara e precisa destes dois sentimentos que tanto nos perseguem – como sobreviver à perda do objeto amado? –, nos fazendo compreender sintomas que parecem doenças físicas. Ou melhor: doenças que afetam o físico justamente por serem reflexos da alma. O fenômeno de vendas nos fez pensar em trazer para o **Pernambuco** uma discussão em relação ao texto do pai da psicanálise.

Para levantar essa discussão, o jornalista Paulo Carvalho entrevistou alguns dos principais estudiosos de Freud, procurando responder (ou melhor: problematizar) a questão: Freud ajuda seus leitores para além da clínica? E, se ajuda, como? Nesta edição ainda conversamos com Ronaldo Correia de Brito que lança agora em setembro seu segundo romance, *Estive lá fora*, no qual o autor faz um balanço navalha na carne do Recife sob o sig-

no da Ditadura Militar. “Estive lá fora relata as impressões desse tempo, de acontecimentos terríveis que certa classe privilegiada fazia questão de não ver, contanto que garantisse as mesmas regalias de sempre, usufruídas desde o Brasil Colônia. O romance, que passa por um Recife cheio de armadilhas e absurdos, é bem pouco glamoroso. Cirilo, o personagem central, encarna uma ambivalência em relação à cidade, sentimentos de apego e desprezo, descobrindo ângulos de luz e sombra, imagens que alguns ainda tentam esconder”, comentou o autor.

Raimundo Carrero traz para os leitores do **Pernambuco** uma análise bastante apurada e crítica da polêmica edição da Granta que se propôs a reunir os novos escritores brasileiros. Para isso, o escritor se debruçou na técnica que cada um dos nomes reunidos lançou mão na hora da escrita, levantando filiações literárias antes impensáveis. Confirmam também a conversa que o escritor Cristhiano Aguiar teve com o autor de um curioso blog, que resolveu criar uma dinastia bastante curiosa de grandes e inexistentes criadores de obras literárias.

Boa leitura e até outubro

PERNAMBUCO

GOVERNO DO ESTADO DE PERNAMBUCO
Governador
Eduardo Campos

Secretário da Casa Civil
Francisco Tadeu Barbosa de Alencar

COMPANHIA EDITORA DE PERNAMBUCO – CEPE
Presidente
Leda Alves
Diretor de Produção e Edição
Ricardo Melo
Diretor Administrativo e Financeiro
Bráulio Meneses

CONSELHO EDITORIAL
Everardo Norões (presidente)
Antônio Portela
Lourival Holanda
Nelly Medeiros de Carvalho
Pedro Américo de Farias

SUPERINTENDENTE DE EDIÇÃO
Adriana Dória Matos

SUPERINTENDENTE DE CRIAÇÃO
Luiz Arrais

EDIÇÃO
Raimundo Carrero e Schneider Carpeggiani

REDAÇÃO
Carlos Eduardo Amaral (interino), Debóra Nascimento, Gilson Oliveira e Mariana Oliveira (revisão), Mariza Pontes e Marco Polo (colunistas)

ARTE
Janio Santos e Karina Freitas (diagramação e ilustração)
Sebastião Corrêa (tratamento de imagem)

PRODUÇÃO GRÁFICA
Eliseu Souza, Joselma Firmino, Júlio Gonçalves e Sóstenes Fernandes

MARKETING E PUBLICIDADE
Alexandre Monteiro, Armando Lemos e Rosana Galvão

COMERCIAL E CIRCULAÇÃO
Gilberto Silva



PERNAMBUCO é uma publicação da Companhia Editora de Pernambuco – CEPE
Rua Coelho Leite, 530 – Santo Amaro – Recife
CEP: 50100-140
Contatos com a Redação
3183.2787 | redacao@suplementope.com.br

BASTIDORES

Dessa vez ainda foi pouco, muito pouco, Berlim

Escritora revela as experiências noturnas de temporada na capital alemã que marcaram seu romance *Desde que te amo sempre*, da série Amores Expressos

JANIO SANTOS



Cecília Giannetti

Oh, there's a lo-oong line waiting, bitch. Foi a resposta de Marvin à pergunta que pensei ter conseguido entoar da maneira mais desinteressada possível: *Who is that?*

That, por quem havia uma longa fila de gente interessada esperando, era Chris, bartender no SO36, na Oranienstrasse, em Kreuzberg – bairro dos turcos e da melhor diversão em Berlim. Logo descobri que as noites em que Chris aparecia ali eram as de domingo, da festa Café Fatal (assim mesmo, em português). O clube é uma casa de shows, baile, bar e sinuca – um manicômio mágico noturno inaugurado na década de 1970, quando David Bowie costumava cambalear por seus salões. Acabei frequentando o clube durante todo o mês em que vivi em Berlim, enquanto não estava rodando a cidade atrás de uma ideia. Acabei encontrando no SO36 mesmo o começo da minha história, aquele fio que a gente vai puxando e vai se desenrolando em um universo novo. Conto aqui como surgiu a primeira centelha do meu romance *Desde que te amo sempre*, do projeto Amores Expressos.

I'm just saying... there is just not enough Chris for everyone, ra-ra.

Marvin me fazia a delicadeza de conversar comigo em inglês, pois não falo alemão. Era uma roteirista de quadrinhos berlinense que eu havia conhecido numa vernissage/performance na galeria-bar Himmelreich, em Friedrichshain, quando nossa opinião comum sobre a calamitosa feiúra dos quadros em exposição nos aproximou.

Estávamos a cerca de dois metros do bar, à nossa esquerda. Chris: uns 27 anos, rosto quadrado, bem entalhado, pele branca destacada do cabelo preto em corte shaggy, como era a moda. Usava um colete cor de musgo por cima de uma camiseta cinza de manga curta. Tipo esses caras magros, músculos timidamente definidos, mas que estão lá, sólidos, e que o marketing da Calvin Klein adora aglomerar em propagandas nas quais todos dançam sem camisa, jovens para sempre em preto e branco, anunciando cueca, jeans e perfume.

Que mal há em olhar a beleza, apenas porque há beleza demais em toda a parte? E um pouco dessa beleza é um vírus transmitido pela TV? Vamos virando o pescoço pra lá e pra cá e às vezes nos fixamos em um objeto por mais tempo, por algum motivo. Sim, às vezes olhamos.

Os próximos passos à nossa escolha eram: ir à mesa de sinuca à direita e aguardar a vez; seguir em frente, atravessar as cortinas transparentes de filó e entrar no bailão (música variando de *rockabilly* a

standards de Sinatra); eliminar aqueles dois metros que me separavam do bar e pedir uma cerveja ao Chris. Uma cerveja ao Chris. Uma cerveja ao Chris. Eu precisava ver de perto, daqui via apenas um Chris pela metade, um Chris cortado pelo balcão.

Uma coisa sobre Marvin: este não é seu nome verdadeiro, nasceu com nome de mulher – nunca me disse qual – porque é mulher, mas preferiu trocar por um nome de homem. Vestiu-se exclusivamente com roupas e sapatos masculinos desde os 15 anos, seu corte de cabelo também é masculino, bem rente e careta. Sua família, Marvin conta, considera que ela fica muito mais bonita em sua versão masculina e jamais a trata pelo nome de batismo.

Marvin conhece Chris, ela nos apresenta. Chris estende a mão, sorri sem mostrar os dentes e pergunta o que eu quero beber. Cerveja. Chris se afasta até o fundo de seu reino cercado pelo balcão, onde ficam os refrigeradores, e acompanho admirada durante esse trajeto a sua transformação diante dos meus olhos e a confusão nos meus sentidos, o surgimento de um novo ser. A outra metade de Chris, a que o balcão do bar escondia, tem a cintura fina, tem quadris arredondados, e uma bunda inequivocamente feminina. Christine me trouxe a cerveja.

Marvin nunca me parecerá um homem – eu olhava para Marvin e via apenas uma mulher vestida como um homem. Com Chris foi diferente. Essa foi apenas a primeira faísca, para começar o livro. Primeiro, eu quis entender o que havia acontecido comigo naquele momento em que fiquei como um Aschenbach diante de um Tadzio, que nó se dera com a minha percepção em relação a Chris, e quis entender Marvin e Chris. (No livro, Chris é rebatizada como Jet Clark, em homenagem à dona do Nowhere, um bar num subsolo da 14th Street que eu frequentava enquanto estive perdida em Nova York, em 2006.)

Mas o romance não é a história de Chris/Jet ou de Marvin. Ele passa por períodos antes e depois da queda do Muro. Trata de casais que o Muro e organizações secretas separam; da vocação de Berlim para acolher quem a escolhe como sua cidade; de como amam os terroristas; de como sobrevivem, aquecendo sozinhos o seu sentimento, aqueles que se perderam do objeto amado (a fila que não anda). Jet Clark apenas está no meio disso tudo.

Um mês em Berlim é pouco, muito pouco. Foi quanto durou o meu período de pesquisa lá. Como dizer à nova paixão da minha vida que eu só teria 30 dias para passar com ele? Resolvi assim a questão: decidi que não diria não a nada que Berlim me oferecesse naquele período. Foi um amor de experiências radicais para mim, tanto boas quanto angustiantes, em diversos graus e aspectos. O livro reflete as muitas faces desse sentimento.

CARTUNS

DACOSTA
[HTTP://DESENHOSDACOSTA.BLOGSPOT.COM.BR](http://desenhosdacosta.blogspot.com.br)



INTERNET

Os melhores livros são os inexistentes

Blog nos traz uma dinastia reunindo os melhores e básicos escritores irreais

Cristhiano Aguiar

Quer dizer que você não conhece o escritor paraibano Walter P. Peixoto, autor de *E eu ali, todo quieto*? Eu também não o conhecia. Semanas atrás, procurando notícias diversas através do *twitter*, dei de cara com a seguinte notícia: “paraibano Walter P. Peixoto ganha o prêmio Álvaro Mútis”. Que ótimo!, pensei. E compartilhei a notícia nas redes sociais. Horas depois, lendo um dos blogues sobre livros que acompanho, o de Josélia Aguiar, me deparo com o mesmo Walter P. Peixoto e a notícia da sua importante premiação. Através deste blog, cheguei a outro, um almanaque online que continha apenas livros de autores obscuros, pouco traduzidos.

O nome do site é autoexplicativo: *Livros que você precisa ler* e seu administrador se chama Bernardo Brayner. No blog, pude ler um trecho de *E eu ali, todo quieto* e o tom geral me agradou. Usei o *Google*, que me mostrou um ou dois links sobre Peixoto e umas três imagens, dentre as quais uma foto de um senhor que julguei ser o autor. Anotei o nome e o livro no meu caderninho e fui direto ao site *Estante virtual*. Lá, digitei o nome do livro.

Nada apareceu. Cheguei à conclusão óbvia: “poxa... Walter P. Peixoto é obscuro mesmo!”.

Salvei o site de Bernardo Brayner nos meus favoritos para depois explorá-lo melhor. *Livros que você precisa ler* me parecia um achado. Não apenas eu poderia conhecer novos escritores, mas quem sabe até mesmo dizer para meus amigos e colegas: “Quer dizer então que você não conhece Vladistav Vlodistoff? Eu descobri este autor obscuro e você *tem* que ler esse cara! Ele nasceu na Lituania, foi amigo de Picasso e Braque e só publicou edições caseiras de 87 exemplares, mas hoje é um dos nomes mais importantes de literatura do Leste Europeu”. E por aí vai.

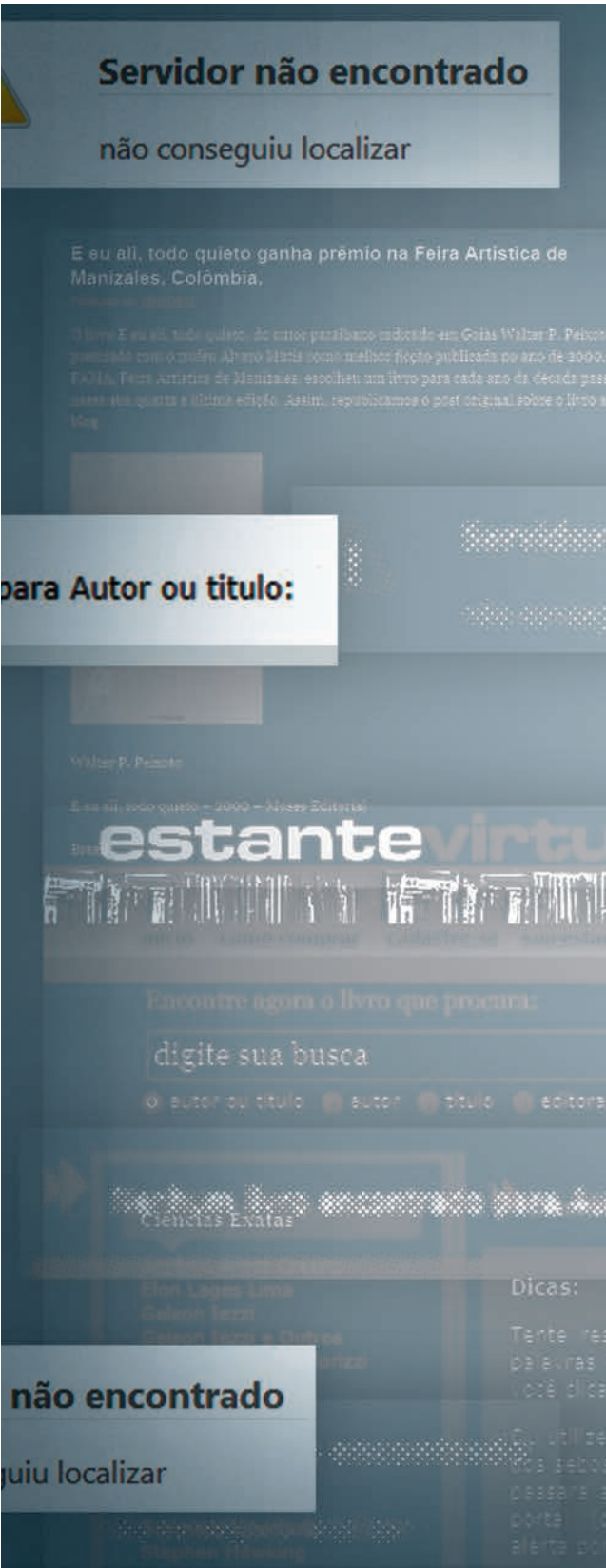
O tempo passa e eis que recebo a seguinte encomenda do meu editor no jornal **Pernambuco**: “Quero te sugerir uma matéria, uma entrevista e uma análise tua desse blog *http://livrosquevoceprecisaler.wordpress.com*, no qual o blogueiro inventa os livros e editoras e resenhas sobre o seu blog”. Imediatamente, uma palavra me chamou atenção: inventa. Quer dizer então que meu novo herói literário, escritor injustiçado pelo Sistema, Walter P. Peixoto, não existia?!

Embora moremos em países diferentes, isto não impediu que eu marcasse um café com o pernambucano Bernardo Brayner, o autor por trás de uma centena de máscaras de escritores, para conversar um pouco com ele a respeito do seu blog e dos seus escritos. Nos encontramos no Dibuk Café; Brayner chegou 15 minutos atrasado e me pareceu mais tímido do que eu esperava. Com idade entre 30 e 40 anos, Brayner, que é redator publicitário nas horas vagas, nunca elevou o tom da voz durante nossa conversa; seus gestos foram bem contidos; chegou vestindo calça jeans, uma camisa preta – na qual estava escrito “Um alface morreu para que você virasse vegetariano” – e uma boina.

“Eu sempre gostei de ler e o desejo de escrever acabou surgindo também em alguma parte da minha vida.”, Brayner me explicou, após eu perguntar como começou a escrever e por que criou o blog, “Escrevi uns contos e tive a máscara deles depois. Um dia eu tive a ideia de atribuí-los a outros escritores. Escritores imaginários. Assim eu tirava o peso de escrever algo que eu realmente achasse bom. O *Livros é* borgiano, mas foi em Fernando Pessoa que eu pensei ao começar a escrevê-lo. Essa semana, dia 10 de agosto, o *Livros que você precisa ler* faz quatro anos”. Perguntei então sobre o único livro que publicou sob o próprio nome, *Exercícios de morrer*. E foi este o único momento em que meu entrevistado pareceu baixar um pouco a guarda. “Você conhece isso?! Esse livro foi uma coisa completamente prematura. Foi relendo ele que surgiu o desespero por escrever tão mal e, posteriormente, a ideia de criar o blog atribuindo os textos a outras pessoas”.

Lembrei então do livro *Literary hoaxes: An eye-opening history of famous frauds*, escrito por Melissa Katsoulis, no qual temos um autêntico almanaque sobre inúmeros trotes, falsificações e pegadinhas literários. Como se estivesse de alguma forma enumerando um conjunto de pecados – ou “travessuras” – a autora nos apresenta todo tipo de trapaça possível. Temos o dantesco círculo dos escritores que forjaram memórias do Holocausto, o círculo dos falsificadores de peças e documentos de Shakespeare, o círculo dos escritores que criaram falsos

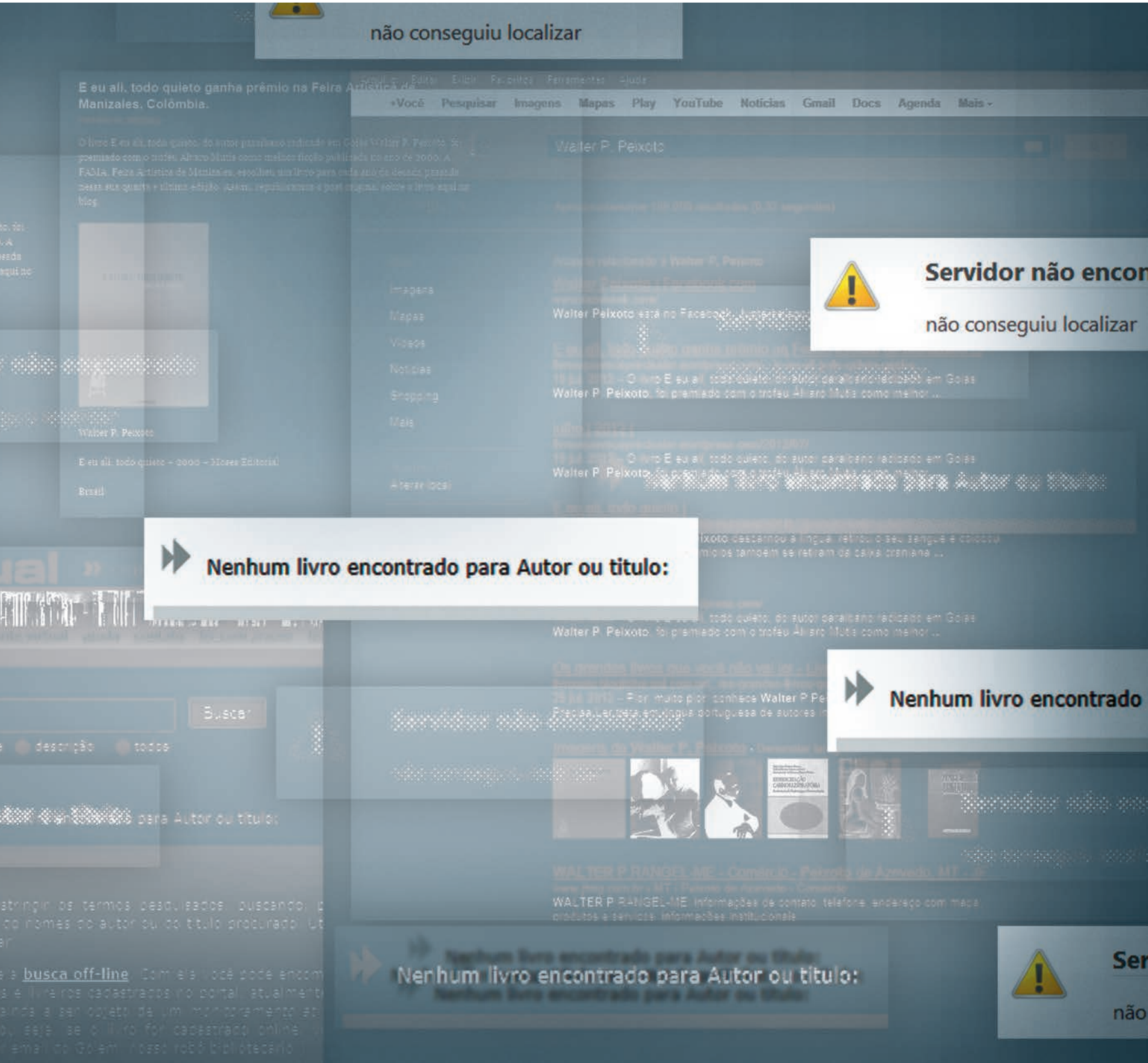
JANIO SANTOS



depoimentos de índios; e descobrimos, por fim, que o país com maiores trotes literários por metro quadrado é a... Austrália.

Alguns escritores genuinamente fracos procuraram a glória literária através das falsificações; outros, talentosos, descubrem seu real potencial criador pondo uma máscara em cena e este parece ser o caso de Brayner: “Notei que queria escrever sobre a agonia da escrita”, confessa, “Foi mais uma necessidade de atribuir os textos a outras pessoas mesmo. Depois eu vi que existia um universo próprio se esboçando”. Há falsificações fracas, amadoras, que logo são descobertas; outras, porém, chegaram a marcar época. O livro de Katsoulis nos recorda, por exemplo, do poeta escocês James Macpherson, que criou no século 18 o bardo Ossian, cujos poemas fizeram muito sucesso e inspiraram o romantismo europeu. Fãs foram, por exemplo, intelectuais como o filósofo David Hume e o escritor alemão Goethe, que de fato acreditaram que Ossian fosse um poeta esquecido, uma espécie de Homero gaélico.

Querem um Ossian contemporâneo? *Literary hoaxes...* nos apresenta ao escritor J.T. Leroy, que entre o final dos anos 1990 e o início dos Zero Zero foi um dos escritores mais *cool* (e fotogênicos) do planeta. Madonna, Winona Ryder, Shirley Manson (vocalista da banda pop Garbage) clamavam serem seus amigos. Sua escrita pop, confessional, *underground* e cheia de tragédias pessoais fez bastante sucesso entre público e crítica. Entretanto, logo se descobriu que J.T. Leroy não existia e que seus textos eram escritos por Laura Albert, uma musicista de meia idade.



E quem era aquele cara que aparecia nos eventos literários e posava para fotos nas revistas? Era uma garota chamada Savannah Knoop, meia-irmã do então companheiro de Laura na época.

Não me parecia, porém, que um autor como Leroy fosse uma referência para o blog de Brayner. Das centenas de escritores imaginários que podemos encontrar no seu blog, há algumas coisas em comum. Se existissem, seriam autores dificilmente midiáticos. Alguns são trágicos: “A preocupação com a escrita, a preocupação com a morte, a preocupação com o tempo são traços em comum nos meus escritores. Muitas vezes eles estão escrevendo livros que querem abarcar tudo, toda a humanidade. E esse projeto sempre leva ao desespero”, Bernardo me diz. É como se *Livros que você precisa ler* fosse um projeto de “anti-Leroys”. Uma paródia de certo narcisismo? “Acho que tem um pouco de narcisismo na literatura contemporânea, sim. Talvez muito...” e completa com um sorriso irônico: “Mas tem gente boa trabalhando calada em casa. São esses que admiro, junto com Thomas Pynchon, Osman Lins, Robert Walser, Raduan Nassar, Gógol, entre outros”.

Mais tarde, já em casa, trabalhando, voltei a lembrar de Walter P. Peixoto. Será que ele realmente não existia? Lembrei das cartas que até hoje leitores de Conan Doyle enviam para o endereço onde moraram Sherlock Holmes e Watson, na Baker Street, em Londres; lembrei das várias conversas que escutei sobre Capitu, Paulo Honório, Policarpo Quaresma, Iracema: como não dizer que estas personagens não estão em nossa vida?

Não se trata de pensar o blog de Brayner como embuste. A ficção nubla as fronteiras que julgamos definidas e estáveis

Não se trata de pensar o blog de Bernardo Brayner em termos de “mentira” ou “embuste”. Um dos ofícios fundamentais de um ficcionista consiste em persuadir seu leitor de uma história que poderia ter acontecido, porque o mundo contido nela possui sólidas regras próprias e que muito tem a nos dizer. Melissa Katsoulis conclui que nenhum embuste literário sobrevive sem que haja um profundo diálogo com nossas fantasias e expectativas: quando fui “enganado” por Brayner, quando somos enganados por algum trote literário, o que isso realmente quer dizer sobre nossas ansiedades em relação à literatura

e ao mundo? “Quando alguém procura o autor na livraria, ou melhor, quando alguém cita o autor no seu blog ou no Facebook acreditando que ele existe, aí sim, acho que o blog se realiza”, Bernardo me disse enquanto molhava metodicamente sua madeleine na xícara de café.

A ficção tende a nublar as fronteiras que julgávamos definidas e estáveis. Quando queremos nos orientar dentro de um espaço, lançamos mão de pontos de referência, de placas, de direções. Quando a ficção se manifesta na cultura, por outro lado, sua função é diferente. Sabe quando o seu pai ou seu tio dizem, ao assistirem a um filme, algo como “mas que mentira!”? Eles estão corretíssimos e ao mesmo tempo equivocados. Isto é real e ao mesmo tempo não é – estas são as linhas mais importantes do contrato que devemos assinar toda vez que consumimos ficção. É por causa da natureza contraditória deste contrato, aliás, que não só a literatura, como também o teatro e o cinema volta e meia discutem a própria ideia de fazer ficção e de criar representações. É neste sentido que o blog *Livros que você precisa ler* lembra escritores como Borges, Calvino, ou Osman Lins. Em um ensaio excelente, Michael Chabon afirma que toda literatura é obra de um fã, de alguém apaixonado. Concordo com ele. Quando a ficção fala sobre a própria literatura, ela fala dessa paixão pelas histórias; ela fala do horror ao vácuo e à cor sépia; e, principalmente, fala dessa enorme comunidade que ainda sobrevive; uma comunidade que tranforma em tempo presente diferentes gerações, nomes e geografias, utilizando como instrumento o ato da leitura.

ENTREVISTA
Ronaldo Correia de Brito

O acerto de contas ficcional de um eterno retirante

Ronaldo Correia de Brito retrata o Recife dos anos 1970, com todo o pavor da ditadura, focando na história de um imigrante cearense que vem estudar e se perder na cidade

FOTO: DIVULGAÇÃO



Entrevista a **Schneider Carpeggiani**

Ronaldo Correia de Brito chegou a escrever uma carta para o seu editor com duas dezenas de motivos para não publicar *Estive lá fora* (leia resenha na página 22), seu segundo romance, que chega agora às livrarias. “Ele me devolveu justificando cada uma das minhas negativas com positivas para que o livro fosse lançado. Mas eu não queria, não queria...”, revelou. A missiva não foi a única nota de insegurança e pavor a perseguir o escritor no período de preparação do livro. Ronaldo sonhava os sonhos do seu protagonista e, assim que colocou ponto final na obra, acabou ficando doente. Suas forças haviam acabado. Ficara vazio.

“Foi muito difícil me livrar desse universo”, continuou. *Estive lá fora* é um acerto de contas do autor não apenas com o Recife, cidade que esse cearense resolveu adotar no começo dos anos 1970, para estudar medicina. O livro também se debruça sobre o período da ditadura militar, tema tão raro na nossa tradição literária. “Considero-me um sobrevivente da Ditadura Militar, alguém que conseguiu escapar àquele tempo sombrio”, lembrou. Na entrevista que segue, Ronaldo comenta o doloroso processo de composição da sua obra, seu trabalho como contista, descreve a relação amorosa que manteve com o seu personagem Cirilo e revela algumas das suas memórias de retirante. E arremata, negando a máxima de Madame Bovary: “Não sou Cirilo”.

Seu romance passa a impressão de ser o negativo de uma foto do Recife, se tivermos em mente a visão romântica e cheia de nostalgia que a cidade tem de si própria. O que lhe levou a tirar essa “foto” em negativo do Recife em *Estive lá fora*?

Quando cheguei ao Recife, em 1969, vindo do Crato, descobri um mundo novo para mim. Eu havia morado o ano de 1968 em Fortaleza, uma cidade bem provinciana na época, sem o peso da história que o Recife possui. Era um adolescente que deixava o cariri cearense e o aconchego da família, em busca de fazer um curso médico. Encantei-me com o rio, as pontes, a arquitetura urbana – ainda não tão arruinada quanto hoje –, mas aos poucos fui também percebendo e sendo vítima de um clima de horror imposto pela ditadura, que se tornou mais marcante quando ingressei na Universidade Federal. *Estive lá fora* relata as impressões desse tempo, de acontecimentos terríveis que certa classe privilegiada fazia questão de não ver, contanto que garantisse as mesmas regalias de sempre, usufruídas desde o Brasil Colônia. O romance, que passeia por um Recife cheio de armadilhas e absurdos, é bem pouco glamoroso. Cirilo, o personagem central, encarna uma ambivalência em relação à cidade, sentimentos de apego e desprezo, descobrindo ângulos de luz e sombra, imagens que alguns ainda tentam esconder.

***Estive lá fora* é um título que leva a inúmeras interpretações. No livro, há referência aos imigrantes de outras capitais do Nordeste que pensavam no Recife como uma grande cidade, cheia de oportunidades. Mas, como alguns personagens deixam claro, o Recife também poderia ser uma passagem para o inferno, o inferno que as grandes cidades oferecem junto com as possibilidades. Como era visto o Recife por outros nordestinos entre as décadas de 1960 e 1970?**

Concordo que é um título feliz. No entanto, eu o descobri graças ao meu filho mais novo, Tomás. Trabalhávamos no mesmo espaço: ele, no disco que gravaria com sua banda; eu, no meu romance. Na tarde em que ele me presenteou o ep com quatro músicas e o título

“ Não tínhamos nada a ver com Fortaleza e sempre lutamos ao lado dos pernambucanos nas suas revoluções libertárias

“ Não se pode minimizar o horror da ditadura. Os argentinos são mais sérios quando expõem suas feridas

Estive lá fora, descobri que esse também era o nome do meu livro e tomei-o emprestado à banda Magriffé. Relendo o romance, vi que ele estava cheio de “estive lá fora” e que eu até narrava um sonho em que Cirilo recebia um disco de presente.

Bom, vamos à sua pergunta. Minha família havia fugido do Recife no final do século 17, porque participara de um levante, essas revoluções que vez por outra aconteciam por aqui. Lá no sertão, creio que sempre tivemos uma nostalgia da cidade, um sonho de retorno, apesar dos mais de dois séculos que se passaram. O Brasil teve vários destinos para os nordestinos, em épocas diferentes: São Paulo, Amazônia, Goiás, Brasília... O Recife era o endereço certo para quem morava no sul do Ceará, sobretudo os estudantes. Não tínhamos nada a ver com Fortaleza e sempre lutamos ao lado dos pernambucanos nas suas revoluções libertárias.

Assim como seu personagem, você também imigrou para o Recife entre as décadas de 1960 e 1970. Foi uma necessidade deliberada colar sua biografia na do personagem ou pelo menos no universo dos seus personagens? Todo escritor, por mais isento, termina impregnando seus textos com a própria vida. Seria bem mais difícil eu criar a história de um estudante que vai a São Paulo procurar um irmão desgarrado. Só poderia falar com propriedade dos lugares que conheço. E o Recife é a cidade que mais conheço, por onde perambulei durante anos, consciente ou delirante, cheio de alegria ou terror. Mas lhe garanto que Cirilo não é

Ronaldo, assim como também não sou Adonias, de *Galileia*.

Seu livro de contos *Retratos imorais* já trazia, de certa forma, uma visão sobre o Recife, uma visão em alguns momentos até assombrada... Em que medida ele foi uma preparação para seu novo romance? Não teria escrito *Estive lá fora* sem antes escrever alguns contos de *Retratos imorais*. Foi o meu estágio probatório. *Retratos imorais* é o livro em que faço mais experiências com a linguagem, sobretudo com a apropriação e uso dos bens de cultura, fiel à afirmação de Walter Benjamin de que escrever consiste largamente em citações – a mais louca técnica mosaica imaginável.

Galileia, seu romance anterior, apontava para um universo em dissolução; *Estive lá fora* descortina uma cidade assustada com sua própria imagem. Em que medida seu trabalho como romancista é também o de erguer “casas” (a casa que não existe mais de *Galileia* e a cidade que não abriga de *Estive lá fora*)? Escrevi sobre Cirilo que “ele sempre se deixou levar por um rio invisível, debatia-se ao invés de nadar como os atletas das piscinas. Enquanto a mão esquerda o afastava do desespero, a direita anotava em cadernos o que lhe parecia necessário dizer, sobrevivendo através desses sinais”. Imagino que Kafka escreveu algo parecido. No romance *Galileia*, Adonias enxerga através da janela de um carro – atravessando o sertão em alta

velocidade – todos os sinais da pós-modernidade, mas também percebe o alto preço desse ganho, a rotura com o mítico, o sagrado e a tradição. Em *Estive lá fora* há uma cena em que descrevo uma família em torno de um caixão com uma mulher morta dentro dele, e falo do olhar das pessoas para uma máquina fotográfica que irá registrar o instante. A câmera está ali à frente como símbolo do progresso. O tempo estagnado e a ruína representam-se na morta – uma realidade intangível, interditando os passos das seis pessoas fotografadas. Ganhei esse retrato de uma prima e a imagem deu novo rumo ao meu livro. Ao olhar o retrato e descrevê-lo, percebi que os personagens representados nessa cena desejavam escapular pelas tangentes, mergulhar no progresso, desfazer todos os vínculos com o passado. Escrevo: “Os olhos preferem fixar a câmera apontada para eles e não a morta, alguns planos abaixo. Contemplam a máquina, símbolo de um tempo vivo, moderno, que registra as ruínas em imagens, sem interferir na escolha de seus atores”.

Estive lá fora aponta o olhar inquisidor para a ditadura brasileira, tão pouco focada na nossa literatura. Por que você acha que há tanto, digamos, pudor em tratar desse período no Brasil? Considero-me um sobrevivente da Ditadura Militar, alguém que conseguiu escapar àquele tempo sombrio. Não me filiei aos partidos de esquerda nem entrei para a luta armada, mas

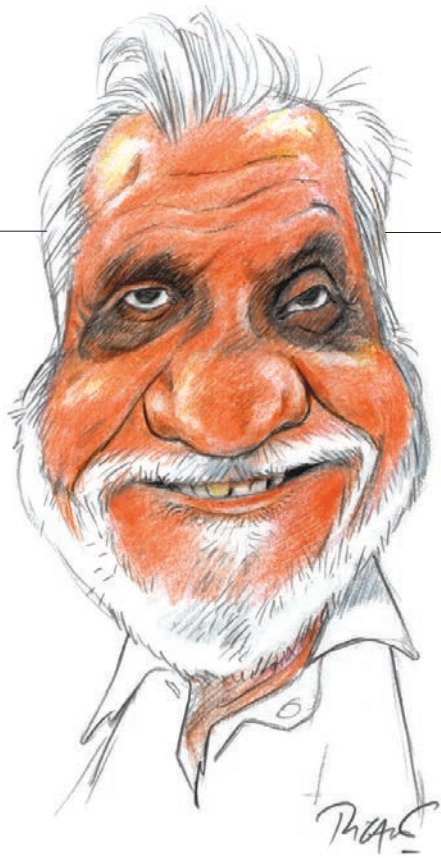
nem por isso a minha vivência do terror foi menos traumática. Em *Estive lá fora* traço o perfil de um personagem romântico, contraditório, porém ético, um jovem que busca um caminho próprio em meio ao entulho da contracultura e do movimento hippie, das polaridades entre esquerda e direita, com a consciência da falácia do comunismo e uma recusa hostil ao fascismo. *Estive lá fora* é um romance sobre famílias de militantes de esquerda, um olhar sobre o sofrimento dessas pessoas e seu esforço para sobreviver em meio à dor das perdas e as dificuldades de cobrar justiça. Não aprecio o tom gaiato com que alguns tratam esse período, como se fosse mais uma piadinha brasileira. O que vi no Recife não é para esquecer. Eu nunca esqueci e ao meu modo tento narrar isso agora, apenas agora porque me sinto mais distante e liberto desse tempo de sombras.

Apesar de ser um romance, *Estive lá fora* também é uma espécie de ensaio cultural e social de uma época, no qual você trata com inúmeras linguagens distintas ao longo da narrativa. Por que houve a necessidade do romancista ser também um ensaísta de uma sociedade? Não se trata de um romance de cultura ao estilo de Thomas Mann, mas precisei recompor o pensamento da época, o comportamento das pessoas – tão distintas de hoje, sobretudo os jovens –, a metafísica e as ideologias. Usei um ardil que talvez os leitores não percebam.

Impregnei a atmosfera do romance com as ideias e pensamentos dos filósofos e escritores do período entre as duas guerras, sobretudo os judeus massacrados na Europa – Hannah Arendt, Hermann Broch, Walter Benjamin, Isaac Babel, Kafka, Bruno Schulz, Thomas Mann e outros. Era o horror que me parecia mais semelhante e próximo ao que vivi. Nada das piadinhas nem gracinhas com que alguns militantes se referem aos acontecimentos, como se fosse possível exorcizar ou minimizar o horror vivido, com tons pastel e anedotas. Argentinos e chilenos são bem mais destemidos e sérios, quando expõem suas feridas.

Você já falou em inúmeras entrevistas o quanto a escrita desse romance o perturbou. Por que *Estive lá fora* foi tão angustiante na sua produção? Porque eu estava confortavelmente acomodado aos problemas atuais do Recife e precisei recriar dentro de mim uma cidade, distante 43 anos do ano em que vivo – lá em 1969 –, experimentar angústias, desconfortos, medos e conviver com um personagem à beira do delírio, por mais de 18 meses, de maneira viva e excruciante, ao ponto de sonhar os sonhos dele.

Eu sou um leitor muito atento da sua produção como contista. Há possibilidade do próximo livro ser um livro de contos? Estou preparando um novo livro de contos. Mas também começo a esboçar um romance, que fecharia esse ciclo de narrativas da memória.



Raimundo CARRERO

Na falta de liberdade, um pouco de amor

Herta Müller enfrenta os conflitos humanos para liberar a solidão e a dor

Somente agora, tanto tempo passado do fim da Cortina de Ferro, é que sabemos, através da literatura e de romances memoráveis, o que acontecia, de verdade, com as pessoas de todos os níveis sociais. É com esta sensação que lemos, e estudamos, livros como *Tudo o que tenho levado comigo*, de Herta Müller, prêmio Nobel de 2009, com tradução competente de Carola Saavedra.

A princípio o personagem Leo Auberg lembra Holden Caulfield, ou um parente muito próximo do personagem de Salinger em *O apanhador no campo de centeio*, vagando pelas ruas com sua mochila, ou com a mala que era, na verdade, a capa do gramofone do tio. Mas não é nada disso, Leo é um dramático e inquietante jovem europeu da minoria alemã numa Romênia dominada pela ditadura comunista, que está saindo do campo de trabalho, onde passou vários anos sob a acusação, a grave acusação de amar, sinceramente, a liberdade. (*Eu queria ir embora daquele dedal de cidade onde até as portas tinham olhos. Em vez de medo eu sentia uma impaciência encoberta. E certa culpa, já que a lista que fazia meus parentes desaparecerem-se era para mim uma circunstância inaceitável. Eles temiam que algo de grave pudesse acontecer comigo longe de casa. Eu queria partir para um lugar que não me conhecesse.*)

Como se percebe, ele está saindo deste campo de trabalho forçado na Rússia, para onde foi conduzido depois de ter levado uma vida anárquica, livre, sem apego a quaisquer sentimentos e situações. Herta Müller revela tudo isso numa linguagem leve, com breve pontuação, às vezes cínica, quase sempre séria, a apresentar e revelar um mundo interior complexo e confuso, precisando mesmo de uma direção. *Estranho, sujo, desavergonhado e belo*, Leo rememora parte significativa de sua vida homossexual antes, durante e depois do campo de trabalho, onde esteve durante cinco longos anos, cumprindo uma ordem de Stálin que mandava para lá, no pós-guerra, todos os alemães extraviados morando na Romênia, sob a acusação de que haviam colaborado com Hitler. Apesar do título afirmativo *Tudo que eu tenho levado comigo*, Leo não tem nada e leva o que não tem, porque nada lhe pertence, verdadeiramente, a não ser a dor e o sofrimento, uma inquietante experiência de vida, que seduz e atormenta o leitor.

Ele mesmo revela, *levei tudo o que eu tinha. Meu não era. Ou tinha outra função, ou pertencia a outra pessoa. A mala de couro de porco era a pequena caixa de um gramofone. O guarda-pó pertencera a meu pai. O sobretudo com gola de veludo, ao meu avô. A calça bufante, ao meu tio Edwin. As polainas de couro, ao vizinho, o Sr. Carp. As luvas de lã verde, à minha tia Fini. Apenas o cachecol de seda vermelho-vinho e a nécessaire eram meus, presentes dos últimos natais.*

Apesar da linguagem leve, o romance é forte, muito forte, com cenas terríveis. Antológica é a viagem entre a Romênia e a Rússia, num trem de carga, sob a vigilância de guardas cruéis, apesar da lua que tornava o vagão tenuamente iluminado, mas sem brilho ou beleza. E vêm, logo depois, os dias sombrios no campo de trabalho forçado – reiteiradas vezes chamado apenas de campo de trabalho –, que lembra *Memória*

JANIO SANTOS SOBRE FOTO DE DIVULGAÇÃO



da casa dos mortos – o célebre romance de Dostoiévski. Ocorre todavia uma mudança substancial: no autor russo, os personagens estão derrotados, nunca mais serão redimidos; mas em Herta Müller, há esperança, esperança sempre, mesmo triste, às vezes irônica, às vezes sombria. A retirada da palavra “forçado” já é uma forma de esperança. Sem dúvida. Se não fosse o grotesco da situação, muitas passagens da viagem, por exemplo, dariam a sensação de um passeio de adolescentes. Sim, de um passeio de adolescentes cheios de festa e de nostalgia, com alguma coisa de dramático. O tratamento literário que Herta dá ao personagem Leo é plenamente interativo e, talvez por isso mesmo, ela tenha começado o livro com as aventuras dele em meio às apreensões familiares. O romance é um projeto literário da autora acalentado durante muitos anos, como forma de denunciar um sistema político massacrante e torturador, sem um mínimo respeito ao humano. Daí vem a inquietação deste livro com temas tão grosseiros e grotescos, mas, como já se disse, com uma linguagem leve que, na maioria das vezes, beira o lirismo e até mesmo o romântico. É possível que, em certos momentos, Herta tenha sido

Marco
Polo

MERCADO
EDITORIAL

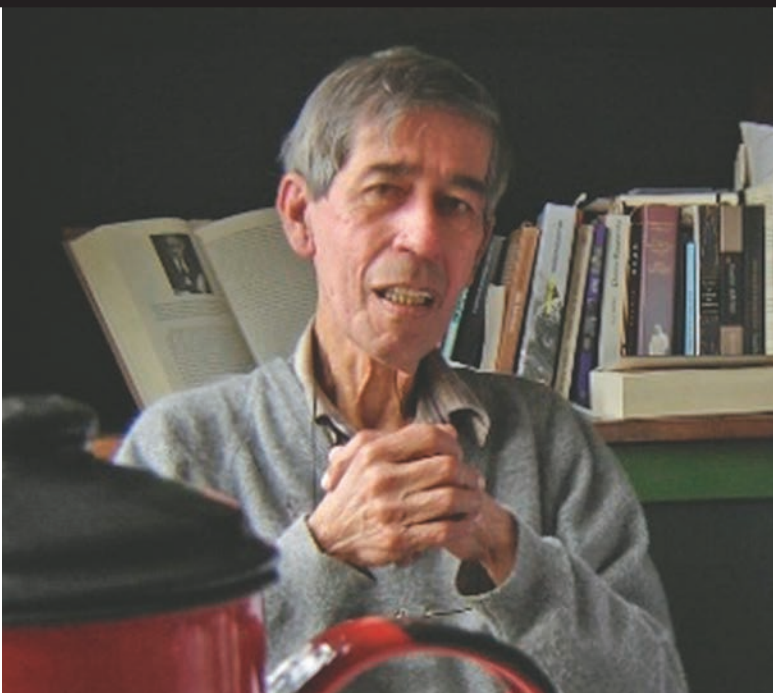
PERMANÊNCIA

Em Florianópolis, uma editora que ainda usa tipos móveis e gravuras persiste imprimindo livros artesanais

Em 1965, no Rio de Janeiro, o poeta Cleber Teixeira (foto) comprou uma impressora, um pedal e tipos móveis. De forma artesanal, montando as palavra com letras de chumbo, começou sua carreira de editor. Em 1977 mudou-se para Florianópolis e lá, até hoje, vai tocando sua Editora Noa Noa, sempre à base de tipografia e gravuras, em edições bem cuidadas em todos os detalhes. Cleber

não concorda que estes sejam processos obsoletos. A arte da tipografia, com tudo que precede a composição e a impressão (desenho, fundição dos tipos, projeto gráfico etc.) proporciona um prazer não superável pelas modernas tecnologias, diz ele. “Eu sinto, ao compor, o peso das palavras”. Editando de Donne e Keats a Safo, a Noa Noa persiste, com tiragens que oscilam entre 60 e 600 exemplares.

FOTO: DIVULGAÇÃO





criticada pelo tratamento que dá ao romance – não conheço outras obras de sua autoria, nem mesmo a crítica –, mas é possível imaginar dadas as circunstâncias políticas em que viveu. Os críticos radicais não costumam perdoar os grandes autores, capazes de conviver sentimentalmente com a condição humana. Não é, por acaso, portanto, que Leo seja tratado sempre, com um menino mimado, um adolescente rebelde, um Holden Caulfield rebentando as amarras da vida nos Estados Unidos ou na Romênia, tanto faz. A sua rebelião interior, sua força, às vezes seu cinismo, sua ironia, é o que importam e o que interessam para o leitor, capaz de compreender também a desesperança e o vigor do personagem.

Tudo isso leva ao conceito de obra de arte, a partir dos critérios criados por Tólstói: conteúdo, simplicidade e beleza. O conteúdo é ideia, o ponto de vista do narrador, através do projeto do autor; a simplicidade se realiza no uso das técnicas sofisticadas, que chegam ao leitor para até o nível de beleza, que é, enfim, o ideal de toda obra. Assim, nós temos em Herta o conteúdo, ou seja, a denúncia da injustiça dos campos de concentração, o horror dos regimes da cortina

de ferro sob o comando de Stálin, a simplicidade da técnica narrativa, que é a leveza e lirismo para evitar o peso trágico ou dramático, chegando, enfim, à beleza, que é o tratamento acabado da obra. Portanto, não foi por acaso que Herta Müller tenha sido premiada com o Nobel, apesar do imenso silêncio que se fez em torno do seu nome, durante tanto tempo. Uma justiça, sem dúvida. E no Brasil podemos ler alguns dos seus títulos publicados pela Companhia das Letras e pela Editora Globo. Vivemos no país que privilegia sempre os autores da moda, os *best-sellers* ou alguns norte-americanos sem grande importância. Somos um país de muitos livros, mas nem todos de grande qualidade. E só ouvimos falar em Herta, ou lemos um livro de sua autoria, há dez anos quando a editora Globo, na época instalada no Rio Grande do Sul, lançou *Compromissos*, sem qualquer referência especial da crítica, embora já tivesse conquistado dois grandes prêmios internacionais. Mesmo assim parece que Herta não tem a simpatia, sequer a atenção, dos críticos brasileiros, mais preocupados, hoje, com a baixa literatura que se produz por aí, romances, novelas e contos de “empreguetes”.

NOVIDADE

A novíssima Andararte lança poemas de jovens

Raimundo de Moraes é um dos nomes que estão por trás do site Interpoética, certamente o endereço na internet que atualmente melhor representa a poesia pernambucana. É ele também quem está por trás (junto com um grupo de intelectuais da terra) da novíssima editora local Andararte, que organiza a *Antologia 21*. O livro, ainda sem data de lançamento, traz poemas de adolescentes até a idade de 21 anos.

POESIA

Editora mineira lança pela primeira vez no Brasil a poesia carregada de sensualidade de Gioconda Belli

A Arte Desemboque – Casa Editorial, de Diamantina (MG), está lançando pela primeira vez em português a poesia da nicaraguense Gioconda Belli. O volume *O olho da mulher* reúne 135 poemas da autora, em tradução de Silvio Diogo, com ilustrações de Carolina Tiemi Teixeira. Belli participou da luta contra a ditadura de Somoza, integrando a Frente Sandinista de Libertação

Nacional, tendo vivido como exilada no México, Costa Rica e Cuba. Atualmente vive entre Manágua e Los Angeles. Sua poesia celebra a sensualidade e a liberdade. Também romancista, já foram publicados no Brasil, pela Record, *A mulher habitada*, *O país sob minha pele* e *O país das mulheres*. Sua coletânea poética pode ser encomendada pelo site artedesemboque.wordpress.com.

A Cepe – Companhia Editora de Pernambuco informa:

CRITÉRIOS PARA RECEBIMENTO E APRECIAÇÃO DE ORIGINAIS PELO CONSELHO EDITORIAL

I Os originais de livros submetidos à Cepe, exceto aqueles que a Diretoria considera projetos da própria Editora, são analisados pelo Conselho Editorial, que delibera a partir dos seguintes critérios:

1. Contribuição relevante à cultura.
2. Sintonia com a linha editorial da Cepe, que privilegia:
 - a) A edição de obras inéditas, escritas ou traduzidas em português, com relevância cultural nos vários campos do conhecimento, suscetíveis de serem apreciadas pelo leitor e que preencham os seguintes requisitos: originalidade, correção, coerência e criatividade;
 - b) A reedição de obras de qualquer gênero da criação artística ou área do conhecimento científico, consideradas fundamentais para o patrimônio cultural;

3. O Conselho não acolhe teses ou dissertações sem as modificações necessárias à edição e que contemple a ampliação do universo de leitores, visando a democratização do conhecimento.

II Atendidos tais critérios, o Conselho emitirá parecer sobre o projeto analisado, que será comunicado ao proponente, cabendo à diretoria da Cepe decidir sobre a publicação.

III Os textos devem ser entregues em duas vias, em papel A4, conforme a nova ortografia, em fonte Times New Roman, tamanho 12, com espaço de uma linha e meia, sem rasuras e contendo, quando for o caso, índices e bibliografias apresentados conforme as normas técnicas em vigor.

IV Serão rejeitados originais que atentem contra a Declaração dos Direitos Humanos e fomentem a violência e as diversas formas de preconceito.

V Os originais devem ser encaminhados à Presidência da Cepe, para o endereço indicado a seguir, sob registro de correio ou protocolo, acompanhados de correspondência do autor, na qual informará seu currículo resumido e endereço para contato.

VI Os originais apresentados para análise não serão devolvidos.

Companhia Editora de Pernambuco
Presidência (originais para análise)
Rua Coelho Leite, 530 Santo Amaro
CEP 50100-140
Recife – Pernambuco



Secretaria da Casa Civil



CAPA

KARINA FREITAS



É Freud quem avisa: você não sofre sozinho

Reflexões freudianas trazem inúmeras aberturas mas nenhuma saída ao leitor

Paulo Carvalho

Freud (1856–1939) introduz o *Caso Dora* (a jovem vienense Ida Bauer, ou Dora, era histérica. Sofria com dores de cabeça, tosse nervosa, afonia, insociabilidade. Também estava deprimida. Foi psicanalisada por três meses em 1900) como quem joga definitivamente fora as chaves de um mistério. “Estou ciente de que existem – nesta cidade, pelo menos – muitos médicos que (por revoltante que possa parecer) preferem ler uma história clínica como esta, não como uma contribuição à psicopatologia das neuroses, mas como um *roman à clef* destinado a seu deleite particular. Posso assegurar aos leitores desta espécie que toda história clínica que possa publicar no futuro será garantida contra sua perspicácia por medidas semelhantes de sigilo, muito embora esta resolução fatalmente ponha restrições bastante extraordinárias à minha escolha de material.”

Restrições extraordinárias. Contornava, portanto, Freud uma questão: fazer passar, pelas limitações do sigilo médico, assuntos sexuais, pessoais, familiares (“A elucidação de um caso de histeria implica certamente na revelação dessas intimidades”), tratados “com franqueza”, mas sem devastar a vida daquela que lhe oferecia o “material” da escrita (à época, o *Caso Dora* também foi discutido através de correspondências, com o médico Wilhelm Fliess, “em cuja discrição” tinha o narrador “total confiança”, e diretamente com o pai da paciente).

A citação está no texto *Fragmento da análise de um caso de histeria* (escrito em 1901 e só publicado em 1905). Freud demonstra-se consciente da sua condição de escritor. O “selo literário”, sabia, era o destino de sua disciplina, ainda que justamente desse deslizamento não científico surgisse a necessidade de uma postura “antirromanesca”. Em um dos parágrafos mais famosos dessa luta por legitimação, escrito no *Caso Elisabeth*, quase uma década antes, e publicado em *Estudos sobre a histeria* (1893–1895), o psicanalista já se queixava: “A mim causa singular impressão comprovar que minhas histórias clínicas carecem, por assim dizer, do severo selo da ciência, e que apresentam mais um caráter literário. Mas consolo-me pensando que este resultado depende inteiramente da natureza do objeto, e não de minhas preferências pessoais”.

Os casos clínicos acenavam, pois, para uma narrativa “exemplar”, destinada ao tratamento de “inúmeros outros pacientes que sofreram ou sofrerão um dia do mesmo mal”, a ser lida sem qualquer discrição. O “deleite particular” com o que acontecia na clínica era um horizonte, uma tentação, preocupava-se desde sempre Freud. Mas também, sabia o médico vienense, que o que ele desejava falar estava destinado à incompletude, à contingência. Narrar, mesmo cientificamente, era restringir, escolher as melhores janelas, calar alguns segredos de seus personagens, encontrar em outros associações



que se mostrariam profícuas mais adiante (sem falar que o inconsciente não apenas freudiano, mas o do próprio Freud, também falava por sua escrita). Escrever era, portanto, navegar o rio do sintoma, a princípio um “rio não navegável cuja corrente é em determinado ponto estrangulada por massas de rocha e em outro dividida, perdendo-se entre baixios e bancos de areia”. Ordenar a incapacidade dos pacientes de fornecer uma história, digamos, romanceada de si mesmos, fosse por dissimulação consciente, fosse por dissimulação inconsciente. O que estava em jogo no relato da clínica era recriar a memória, saltar em sua duração.

Em *O inconsciente estético*, Jacques Rancière constata que a psicanálise é inventada no ponto em que filosofia e medicina “se colocam reciprocamente em causa para fazer do pensamento uma questão de doença e da doença uma questão de pensamento”. Inscreve-se historicamente no cerne de um movimento cujos heróis filosóficos são Schopenhauer e o jovem Nietzsche e “que reina na literatura que, de Zola a Maupassant, Ibsen ou Strindberg, mergulha no puro sem-sentido da vida bruta ou no encontro com as forças das trevas”. Ou seja, Freud não apenas possuía uma filiação literária-filosófica, como seu discurso estava amparado pelas mesmas condições de possibilidade: o seu Édipo dá o testemunho de que, “em matéria de pensamento, é sempre de doença e de me-

dicina que se trata.” E seu Édipo é inconcebível no regime clássico de representação, não porque mata o pai e se deita com a mãe, “mas pelo modo como aprende, pela identidade que encarna nesse aprendizado, a identidade trágica do saber e do não-saber, da ação voluntária e do pathos sofrido”. Está maniacamente obstinado por “saber o que é melhor não saber”, tomado pelo “furor que impede de ouvir” e reconhecer “a verdade na forma em que ela se apresenta”.

Édipo fala de “uma catástrofe do saber insuportável, do saber que obriga a subtrair-se ao mundo do visível”. Não por acaso, Freud é um leitor (um leitor tornado possível) dos textos de Hoffman, Jansen e Shakespeare, cujas obras hesitam entre fantasmas, duplos e o real.

Na biografia *Freud - Uma vida para o nosso tempo*, Peter Gay comenta que o psicanalista ficou muito ressentido em razão de ter sido preterido para o prêmio Nobel. Sentia-se, contudo, “encantado” pelo Prêmio Goethe, oferecido a ele em 1930. O texto deste prêmio, aliás, dizia: “A psicanálise (...) enriqueceu não só a ciência médica, mas também o mundo mental do artista e do pastor, do historiador e do pedagogo.” Freud sempre esteve preocupado em defender a cientificidade do seu método. Não era propriamente um escritor (de ficção ou memorialista), não era um ensaísta, não era poeta e nem era filósofo da cultura. Mas Freud

tinha a consciência que o estilo fazia parte do que ele estava buscando dizer?

Para a psicanalista Purificacion Barcia Gomes, autora de *O método terapêutico de Sherazade*, sim. Mas encontrar o estilo não era o objetivo. “Podemos dizer que Freud era um verdadeiro ‘analista de texto’. A que texto me refiro? Refiro-me ao relato dos pacientes, tanto de suas vidas como de seus sonhos, aos textos literários propriamente ditos – poemas, contos, mitos etc. Freud preocupou-se, acima de tudo, com a linguagem, tanto em seu conteúdo quanto em sua expressividade, e esteve sempre tão atento ao que era dito (ou escrito) quanto ao como era dito (ou escrito). É impossível, homem culto e articulado que era, que não estivesse sempre consciente da forma e, portanto, do estilo de seus próprios escritos. Como sabemos, grande parte da teoria psicanalítica e das descobertas psicanalíticas decorreu da auto-observação de Freud: era treinado e habituado a observar suas próprias produções espontâneas, sonhos e lapsos”.

“Uma coisa, porém, é Freud ter consciência da importância de seu estilo”, continua Purificacion, “e outra é sua motivação ao escrever: ele desejava, acima de tudo, convencer as pessoas que o liam ou ouviam de que suas descobertas sobre a alma humana eram verdades de cunho científico. Não é provável que ele estivesse preocupado em comunicar-se com as pessoas como um autor que escreve ficção ou poesia o faz. Muito pelo contrário: Freud temia que seus escritos fossem tomados por ficções ou devaneios poéticos. Se seus escritos provocam deleite, emoção, vivências estéticas ou admiração literária, tendo a acreditar que, para Freud, esses seriam subprodutos de seu trabalho, e não sua intenção primária”.

A psicanalista Noemi Moritz Kon, autora de *Freud e seu duplo - Reflexões entre psicanálise e arte* e *A Viagem - Da literatura à psicanálise*, em que estuda a gênese do pensamento psicanalítico e da literatura fantástica de autores como Poe, R.L. Stevenson e Guy de Maupassant (Kon também é organizadora de *125 contos de Guy de Maupassant*, editado pela Companhia das Letras), acena igualmente para o caráter literário do texto freudiano.

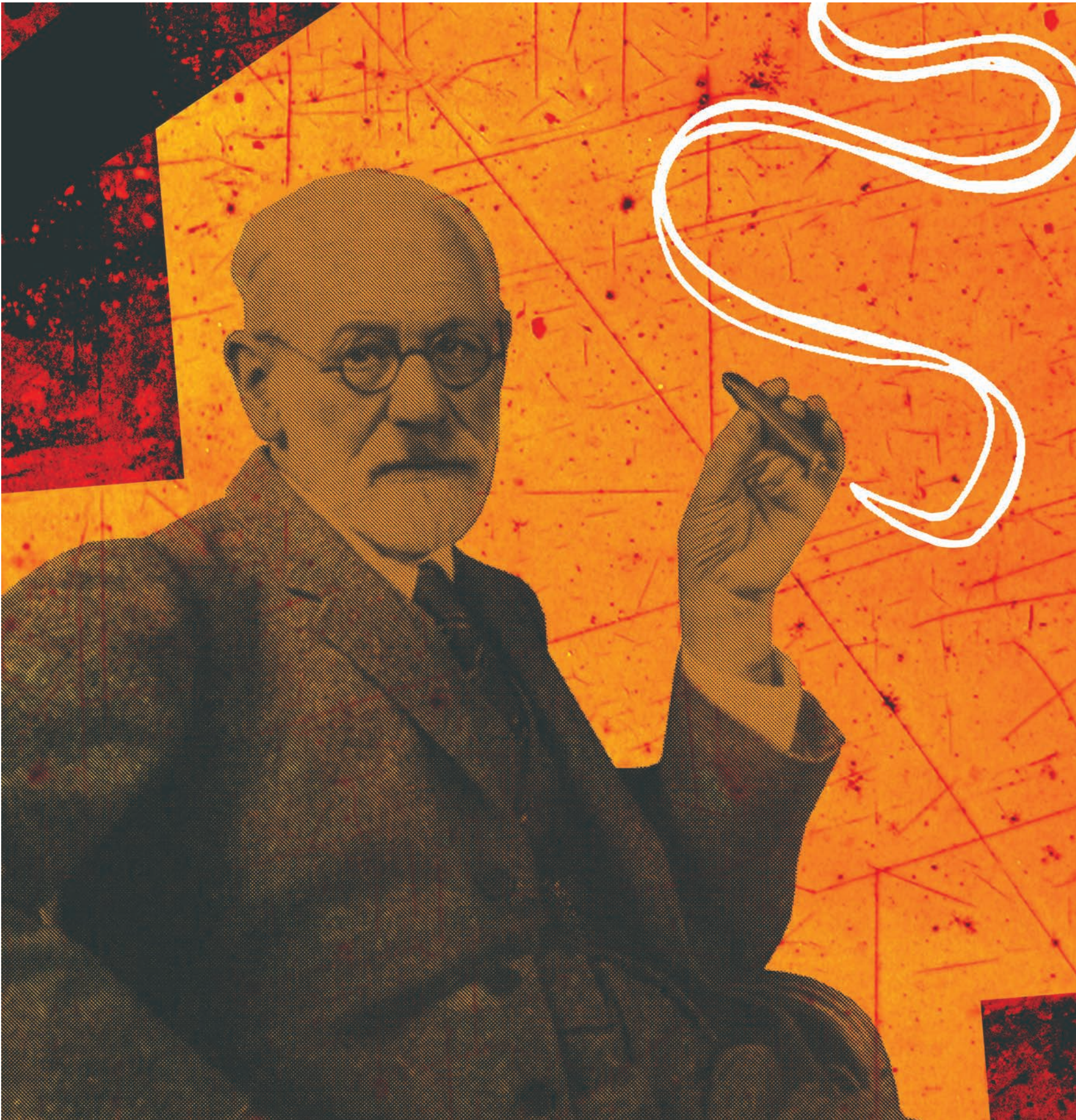
“O Prêmio Goethe trata-se do único que Freud ganhou em vida. Como escritor e cientista, e em igual medida (esse ‘igual medida’ é bem interessante). Agora se ele tem noção da capacidade de escrita dele? Fabio Hermann (1944-2006) comenta que Freud trabalhou como um escritor ficcional, todas as noites, depois de 10 horas de atendimento. Comenta também que é como se nós fôssemos personagens dessa ficção freudiana. Personagens que, ainda por cima, sonham os sonhos do Freud. Aliás, Freud escreve que as histéricas recuperam a magia colorida das palavras. Na simbolização, é como se as histéricas recolhessem a potência das palavras na formulação de suas criações sintomáticas”.

Ana Cecília Carvalho, psicanalista, escritora, autora de *A poética do suicídio em Sylvia Plath*, *Estilos do xadrez psicanalítico: a técnica em questão* e de *O livro neurótico de receitas*, entre outros, alerta para o local inaugural da psicanálise, traduzido pelo Prêmio Goethe. “Talvez não seja errado dizer que essa concessão, embora motivada pelo desejo de dar o justo reconhecimento do trabalho de Freud, refletia uma certa dificuldade para se entender o que era a psicanálise e para saber em que campo ela se encaixava. Ora, não sendo uma filosofia da cultura nem um gênero literário, muito menos uma especialidade da medicina ou uma ciência nos moldes da ciência tradicional, ela se coloca na interface desses campos, muitas vezes para nos obrigar a redefinir-los a partir do seu eixo teórico mais importante, que é a teoria do inconsciente”.

“Se Freud não ficou exatamente feliz por ter recebido um prêmio de literatura”, acrescenta ainda Ana Cecília, “talvez tenha sido porque ele via nessa premiação uma tentativa de fazer da psicanálise algo diferente do que ela é. No meio de expressões mais ou menos veladas de resistência às ideias psicanalíticas, existem aquelas que desconhecem o caráter investigativo da psicanálise e ignoram o fato de que, embora seja também um método terapêutico, originado na clínica da neurose, ela nos permite compreender, de modo sistemático, fenômenos culturais fora da clínica. Nunca é demais lembrar a definição dada por Freud para a

CAPA

KARINA FREITAS



psicanálise: ela é, em primeiro lugar, o nome de um procedimento para a investigação de processos mentais que dificilmente são acessíveis por qualquer outro modo. Em segundo lugar, a psicanálise é um método terapêutico baseado nessa investigação. Finalmente, ela se constitui em um conjunto de informações psicológicas obtidas por essas duas linhas de trabalho, informações que, ao longo dos anos, veio a se acumular em uma nova disciplina científica. Não há dúvida que a divulgação das ideias psicanalíticas em todo o mundo é tributária do estilo claro, próprio de Freud, de escrever. Mas acredito que a afirmação da psicanálise e o respeito que ela recebe no campo das ciência se devem à maneira como, desde a sua invenção há mais de cem anos, ela tem se mostrado eficiente não apenas para compreender a natureza do sofrimento psíquico em suas variadas formas, mas também para entender produções humanas tais como a literatura, a guerra, o trabalho, as artes e a religião”.

FREUD AJUDA?

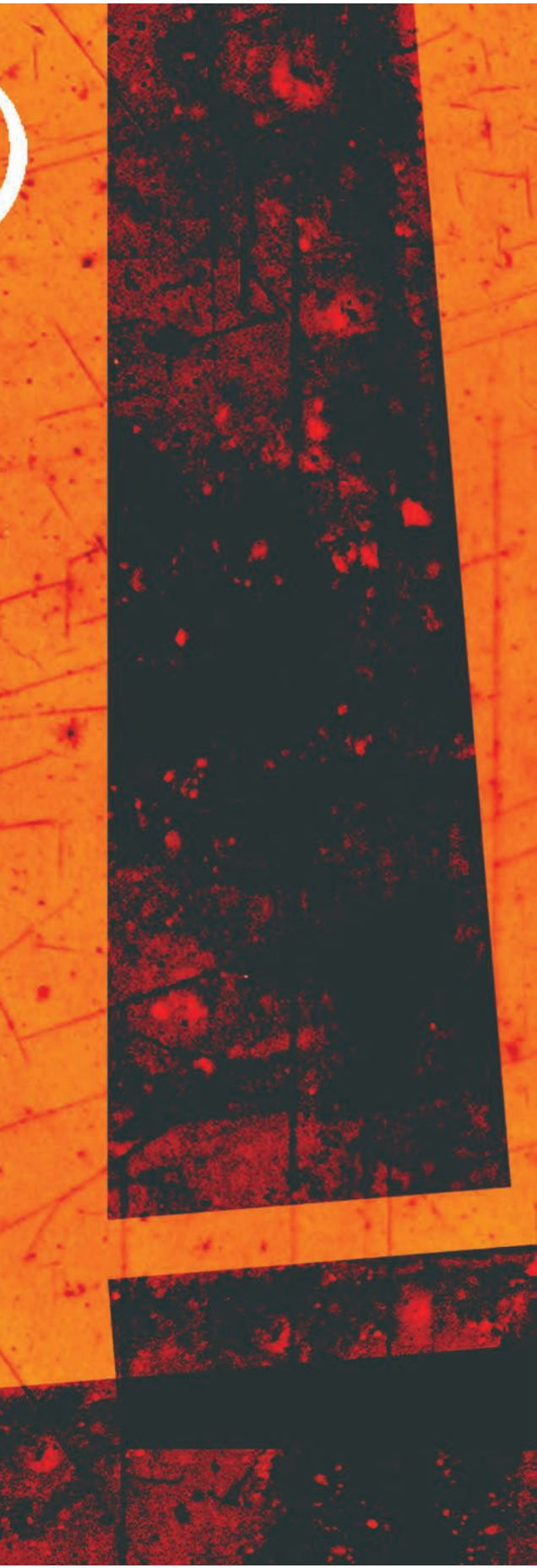
Se é verdade que o estilo de Freud, distante do das monografias clássicas, causa algum tipo de deleite, e que somos, mesmo leitores leigos, instigados

por tramas complexas, talvez não fosse descabido perguntar: qual a natureza do “alento” que encontramos na leitura por exemplo de textos como *Luto e melancolia*? (Como não sentir-se implicado nas características de um mal tão comum: desânimo profundamente penoso; suspensão do interesse pelo mundo externo; perda da capacidade de amar; inibição de qualquer atividade; diminuição dos sentimentos de autoestima; expectativa delirante de punição? Esse texto, inclusive, entrou na lista de mais vendidos de não ficção no Brasil este ano, numa cuidadosa edição da Cosac Naify).

“Certos textos freudianos, o primeiro que vem à mente é o *Caso Dora*, têm uma trama extremamente atraente para o leitor. Outros casos clínicos como *O homem dos lobos* e *O homem dos ratos* são também muito apreciados por leitores leigos em psicanálise. Todas essas obras têm certa semelhança estrutural com os *romans à clef*, portanto, prendem a atenção até o final – esperamos pela ‘explicação causal inconsciente’ com a mesma impaciência com que aguardamos a solução de um romance de mistério. Já do gênero mais épico/mítico podemos pensar na importante ficção psicanalítica que é *Totem e tabu*. A sensação de conforto, em uma determinada

relação, advém da vivência de sentir-se compreendido, de sentir-se acolhido, próximo ao nosso semelhante. Deixamos de sentir-nos sós. Esta sensação pode tanto ocorrer em uma análise, na leitura de textos psicanalíticos ou de textos literários, no encontro com o ser amado etc. Não penso que essa vivência seja a mesma que é oferecida por um livro de autoajuda, onde se ensina ao leitor ‘o caminho das pedras’ para a felicidade. Ao contrário, os textos psicanalíticos, assim como os bons textos da literatura, nos aproximam de nós mesmos”, sugere Purificacion Barcia Gomes.

Para Noemi Moritz Kon, a aproximação com o leitor atualiza uma potência inerente ao texto freudiano. “Eu falo de uma psicanálise estética não porque exista poesia na psicanálise, mas pela potência criadora que o encontro psicanalítico pode ter através das novas narrativas que podem ser criadas. Dou aula de psicanálise para estudantes que estão se iniciando e discutimos os sonhos de *A interpretação dos sonhos* (1899), os atos falhos que ele apresenta em *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana* (1901). Ambos textos com mais de cem anos, mas que nos mantêm dentro dessa ficcionalidade que é o discurso psicanalítico de Freud. Psicanálise é lin-



guagem e só permite transformações porque ela tem em si a potência de literatura, como Roland Barthes (1915-1980) fala. Note que os grandes psicanalistas têm sempre uma escrita muito peculiar. Melanie Klein (1882 – 1960) é quase selvagem. Winnicott (1896 -1971) tem um estilo simples e nessa simplicidade traz os seus conteúdos. O estilo de Freud é pomposo, rebuscado, com um humor colossal, com exemplos e analogias muito elegantes”.

“Há desconfiança de Freud em relação a sua fantasia e a fantasia dentro de sua própria disciplina”, afirma ainda Kon. “Mas a fantasia, entendendo a linguagem mais modernamente, ela é criadora de realidades. Freud inventou uma disciplina em que a verdade ficcional, ou como ele mesmo fala, a realidade psíquica é real, verdadeira, tão ou mais que a realidade material. Ele diz isso. A gente sabe que esse reino da fantasia é o lugar onde algumas vezes a gente se esconde, mas certamente em alguns momentos é o lugar onde a gente se acha. Ficção não tem nada a ver com mentira ou inverdade. Mas com a experiência, e experiência é ‘inacabamento’. Quando estava nos primeiros anos da minha formação de psicanálise eu dizia que não se tratava de uma leitura, mas de uma releitura. Eu já conhecia

tudo aquilo: Freud dava uma forma para aquilo que eu já experimentava. Eu me sentia cabendo inteirinha. Isso é um alento. É o alento de se sentir humano. Saber que as angústias que vivemos, os laços que fazemos, os sonhos que experimentamos, lembramos ou esquecemos fazem parte e configuram a minha subjetividade”.

“Numa aula de psicanálise, quando falamos do Édipo... Bom, cada um fica pensando no seu pai, na sua mãe, na sua namorada, nos seus filhos. É convocado em pensar na sua história em sua singularidade, mas convocado a pensar como humano em sua história em sua singularidade. Esse pertencimento é um alento. Eu não sofro só. Às vezes é dolorido. Às vezes rimos juntos. Às vezes nos identificamos. Dói é esquisito, mas nos fazem pensar que aqueles atos esquisitos que nos fazem sofrer tem algum sentido. Isso abre portas para a gente saber da gente. Isso também é um alento. Autoajuda me parece bem diferente. Porque trás saídas prontas. Freud traz é abertura e nenhuma saída. Nenhuma compreensão, nem esgotamento no sentido da ideia de cura”, conclui Kon.

Ana Cecília Carvalho, contudo, ressalta o lugar insubstituível da clínica. “Infelizmente uma psicanálise não se faz com a leitura dos 24 volumes da edição das obras completas de Sigmund Freud. Quando nos reconhecemos ali (por exemplo, nas já citadas características presentes em *Luto e melancolia*), sentimos um certo conforto, mas isso não é suficiente para mudarmos. O efeito terapêutico de uma análise depende do estabelecimento e da manutenção de certas condições, e elas vão além da busca por esse alento. Entre essas condições encontra-se o acatamento, por parte do analisando, da regra fundamental do trabalho analítico, que é ele tentar dizer tudo que lhe vem à cabeça. O analista, treinado para reconhecer as expressões do Inconsciente produzidas na chamada ‘associação livre’ do analisando, interpreta esse material tendo como pano de fundo as repetições da história infantil do paciente que se atualizam no aqui e agora da sessão analítica”.

Cervantes, Shakespeare, Schiller e Goethe são alguns dos escritores presentes no pensamento freudiano

Noemi Moritz Kon lembra que o psicanalista mantinha trocas com os escritores Romain Rolland (1866 – 1944), Stefan Zweig (1881 – 1942) e Arthur Schnitzler (1862 – 1931), este último trabalhado por ela em *Freud e seu duplo – Reflexões entre psicanálise e arte*. “Freud colocava os literatos como o seu duplo, em particular Schnitzler. O duplo na psicanálise é aquilo que causa simultaneamente terror e mais do que amor, uma sideração. Eu me perco nesse outro. Schnitzler foi um contemporâneo, dramaturgo, médico como ele, que se tornou um homem importante da sociedade vienense. Era mulherengo, popular e Freud chegou a declarar que teria medo de encontra-lo (é dele *Breve romance de sonho*, livro que serve de mote a *De olhos bem fechados*, de Kubrick, assim como *Contos de amor e morte* e a peça *Senhorita Else*, considerada o primeiro monólogo interior)”.

Cervantes, Shakespeare, Goethe, Schiller são alguns dos escritores mais presentes na escrita freudiana, ela mesma fundada sobre o *Édipo rei*, de Sófocles. São textos explicitamente voltados à literatura: *Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen* (1907), *Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico* (1916), *Dostoiévski e o parricídio* (1928) e *O estranho* (1919).

“Freud utilizava os textos literários com muita liberdade, como se fossem ilustrações, evidências, metáforas de suas teorias e descobertas. Buscava nos mitos, romances, peças teatrais invariantes do comportamento humano. Trabalhava com esse material da mesma maneira que com seus pacientes – buscava descobrir os fundamentos da psique, suas motivações e conflitos. As produções literárias eram utilizadas por ele como material manifesto de outro conteúdo – o latente – o qual urgia descobrir e comunicar ao paciente/leitor. Nesse movimento não fazia apreciações de crítica literária, nem buscava o valor estético-artístico do texto. Admirava os artistas/ autores quando eram capazes de perceber e descrever aspectos do psiquismo profundo dos seres humanos e os encarnavam em seus personagens. Quanto à filiação literária profunda na história de vida de Freud, refiro os leitores à obra de Sérgio Paulo Rouanet, *Os dez amigos de Freud*”, explica Purificacion Barcia Gomes.

(Sobre a obra citada, ao ser solicitado, em 1906, pelo editor vienense Hugo Heller para que fizesse uma lista com dez livros, Freud indicou títulos com os quais mantinha uma relação de amizade – não obras clássicas ou seus prediletos. São seus “amigos” nessa lista: Multatuli, Thomas Macauley e Rudyard Kipling, Émile Zola e Anatole France, Gottfried Keller e Conrad Ferdinand Meyer, Theodor Gomperz, Dmitri Merejkovski e Mark Twain).

Em conclusão, para a construção de um projeto científico empurrado pela escrita, não deixa de ser curiosa a observação da psicanalista Elisabeth Roudinesco em introdução ao título *Por amor a Freud – Memórias de minha análise com Sigmund Freud* (Zahar, 2012), com textos da poeta Hilda Doolittle (1886 – 1961) a respeito das sessões com o médico vienense. Diz Roudinesco: “É somente para mascarar o que se passou nela que Hilda Doolittle refaz sua aventura psicanalítica, da qual, sem dúvida, jamais sabermos a palavra final”. Segundo Roudinesco, os textos de Doolittle não trazem “informações precisas sobre a maneira como Freud conduzia seus tratamentos”. Ora, jamais poderiam.

“Acreditamos que nossas memórias ou relatos são objetivos, correspondem ponto por ponto à realidade factual. No entanto, nossas memórias são sempre decorrentes de uma seleção de percepções, emoção e vivências que ocorreram em determinado momento de nossas vidas, e que vão sendo estruturadas e reestruturadas constantemente, como se em nossas mentes residisse um escritor que revisasse e reescrevesse seus textos tantas e tantas vezes que a versão final acaba por guardar pouca semelhança com o inicial. Em todas as ocasiões em que relatamos uma experiência passada, em verdade, criamos um misto de descrição/ficção, a qual será modulada de acordo com os estados emocionais que viermos a experimentar”, explica Purificacion.

“A maneira como vemos a nós mesmos e ao mundo circundante é uma espécie de relato em metamorfose constante, que tem por objetivo adaptar-nos às necessidades e vicissitudes de cada momento. É um tipo de ferramenta relacional: se estou em presença de alguém que me ama, me admira, tendo a lembrar de minhas histórias pessoais como algo interessante, vivo; se, por outro lado, sinto-me humilhado e desprezado por alguém, tenderei a lembrar-me dos mesmos episódios sob uma ótica mais sombria. É essa maleabilidade da memória narrativa que permite ao analista deduzir, do que está sendo relatado pelo paciente, as emoções, conflitos e desejos subjacentes. A isso chamamos transferência”, conclui.

Todas as narrativas são perspectivas e, neste sentido, ficcionais. Como vimos, até mesmo Freud, a quem podemos deixar passar tudo que aqui está para além da literatura, com chaves, ou sem elas, seja como gozo (e nem sempre prazer), seja como construção de novos devires e rupturas... Uma ambiguidade tipicamente freudiana, aliás.

Nesse texto, optamos por citações retiradas da edição *standard* brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, da Imago, com primeira edição de 1972, em 24 volumes. No Brasil, uma nova tradução das obras completas, desta vez direta do alemão e em 20 volumes, vem sendo publicada pelo Companhia das Letras, sob coordenação e tradução de Paulo César de Souza. A nova versão está em seu sexto tomo e foi publicada fora da ordem cronológica dos escritos.

RESENHA

O que faz a literatura ser Literatura

Técnica apurada é a marca dos autores escolhidos pela seleção da nova *Granta*

Raimundo Carrero



Todo grande país precisa de uma grande literatura, sobretudo em tempos de profunda mediocridade como estamos afundados agora. Por isso, ou por tudo isso mesmo, a *Granta – Melhores jovens autores brasileiros*, publicada pela Alfaguara, tem uma importância extremamente significativa, ao revelar o verdadeiro grau estético a que chegaram nossos criadores neste começo de século 21. Mesmo que se discorde de alguma coisa – a discordância é própria desse tipo de iniciativa – ressalte-se a qualidade da publicação, com nomes já consagrados como Carola Saavedra, Tatiana Salem Levy e Julián Fuks e de novatos tipo Cristhiano Aguiar – grande surpresa – e Luisa Geisler, a menina de dois prêmios Sesc muito importantes. E para não dizer que só falei de flores, estranho, em princípio, as ausências de Rodrigo Lacerda, Marcelo Moutinho, autor de, pelo menos, um belo livro de contos, de Henrique Rodrigues, de Nivaldo Tenório, de Cecília Gianetti e de Cláudia Lajes. Talvez alguma coisa de Mara Coradello e de Adriane Myrtes. Opinião solta de quem está vendo a paisagem de longe. Nenhuma restrição, apenas lembranças. Os publicados enriquecem mesmo a literatura brasileira, tão seriamente necessitada. Quem apostou na morte da literatura e na vitória dessa fuleira cultura de massa que infelicitava o país, deve estar tremendo nos alicerces.

Um detalhe fundamental: todos conhecem a técnica da ficção, os elementos internos que enriquecem a narrativa – discurso indireto livre, construção de personagem, diálogos, cenas, cenários, monólogos, solilíquios, narrativas polifônica e espontânea. O discurso indireto livre (Carol Saavedra), a ironia com estilo do tipo jornalístico (JP Cuenca), a fantasia e o sonho com uso de metáforas e símbolos da cultura popular brasileira (Cristhiano Aguiar), linguagem despojada com repetições no caminho do estilo espontâneo (Michel Laub), narrativa dialogal (Tatiana Salem Levy) e outras e outras e outras. Sem esquecer nunca que Flaubert e Henry James lutaram a vida inteira para

que a ficção tivesse sempre as próprias técnicas até alcançar autonomia (como ocorrera desde sempre com a poesia – rima, ritmo, métrica, imagens, símbolos, sonetos, quartetos, baladas).

Revestido de ironia, mas com uma linguagem austera, é o conto de João Paulo Cuenca – grafado JP Cuenca –, *Antes da queda*, em que se conta a história de um mundo maravilhoso que está por vir, mas com antecipações, uma história de futuro, no passado e no presente, e que nunca chega a se consolidar porque eivado de falsos sonhos, ilusões desgastadas, com sintoma de absolutas desesperanças, tudo com a força de Tomás Anselmo, insólito personagem com vida boêmia e desejo de sucesso. Tudo revelado por um narrador que tem pulso forte e determinado. Não é novidade, porque Cuenca, desde muito tempo, é um escritor com a segurança própria de alguém que sabe os caminhos que vai percorrer. Técnica jornalística com aprofundamento e precisão. Bastam as noitadas etílico-eróticas de Tomás Anselmo com a mulher, no pequeno apartamento do casal, para revelar grande força criativa. Notícia-se que é um fragmento de romance cuja maravilha está por vir.

2 Tanto quanto Carola Saavedra no seu conto *Fragments de um romance*, em que flagra o abismo dos seres humanos, tocada por dois personagens em solidão e busca, escrito em dois planos narrativos com discurso indireto livre objetivo com aspectos da narrativa polifônica – técnica em que as vozes dos personagens e do narrador saltam diante dos olhos do leitor (além dos pensamentos da narradora que estabelece uma terceira voz), ao contrário daquele outro discurso, indireto livre sutil, fazendo com as vozes do narrador e dos personagens se aproximem tanto que fica difícil separá-las, como as vozes do narrador e da mãe de Juan Preciado na novela *Pedro Páramo*, de Juan Rulfo: “Vim a Comala porque me disseram que aqui vivia



KARINA FREITAS



meu pai, um tal de Pedro Páramo, minha mãe que me disse.” As vozes distintas e sutis somem, porque até “meu pai”, a voz é do narrador, daí o verbo dicendi ou de marcação “disseram”, a partir de “um tal”, é a voz da mãe, que odeia Pedro Páramo, daí o rancor e o segundo verbo dicendi, ou de marcação, “disse”. Fica claro que “um tal de Pedro Páramo”, não é frase do narrador, portanto se estabelece o discurso indireto livre sutil. As vozes não são ostensivas e parecem pertencer a um só narrador. O que não é verdade. Em absoluto. Em Carol as vozes são firmes e claras, objetivas. Distingue-se com a maior clareza a voz da narradora e dos personagens.

Em Cristhiano Aguiar distingue-se a maravilhosa fabulação, que conduz a narrativa para vários planos, com destaque para metáforas e símbolos, em texto circular, a lembrar os folhetos de cordel, até porque Cristhiano é o único nordestino, embora registre-se a presença de um baiano tornado paulista de Santos. A fabulação e o maravilhoso, ao lado do trágico e do silencioso, dão ao conto *Teresa* a justa medida de um conto preciso com simplicidade e sofisticação, de uma frase limpa e clara, na medida certa, sem exageros nem adjetivação inconsequente, elegante. Teresa é personagem de primeira grandeza na sua inquieta agonia solitária, noiva de grinalda na mão. Comovente de fina textura, Teresa amplia sua parca vida com a capacidade criadora de Cristhiano, elegante e refinado. Até mesmo no trágico sem reforço dramático, incrível habilidade. Observe-se o pleno domínio narrativo com cortes cinematográficos, a lembrar Glauber Rocha. A abertura do conto apresenta uma imagem – ou imagens – típica do cinema, congelada, embora com movimentos interiores (“Pássaros pousam nos ombros de Teresa, mas não cantam. Nos últimos dias ela costuma, sempre nos finais de tarde, sentar nos degraus que dão acesso à entrada do prédio... Eles enfeitam o rosto dela com fina grinalda, que trouxeram pendurada nos bicos.”),

e que lembra os surrealistas ou pinturas populares do Nordeste, às vezes encontradas nas feiras. Em seguida, outra imagem radical, numa vertente dramática (“A lama, as pedras e uma mão aberta. E, em seguida, o leão que toma conta do príncipe”). Jogo de imagens com cortes fortes. Por fim, lembram capas de folheto, sem necessariamente regionalizar.

Michel Laub nos oferece um prato e serve outro, tudo através de incrível habilidade técnica. É assim que o título do conto é *Animais* – com uma frase que conduz o leitor para uma vertente que não é o centro da história (“Quando eu tinha onze anos em Porto Alegre, meu cachorro Champion foi morto por um dobermann do vizinho”). Pronto. O leitor está seduzido para histórias de animais, que servirá apenas de pano de fundo para a verdadeira narrativa, para o tema – se é que se pode falar em tema na narrativa –, porque o que se verá, na verdade, é a relação entre pai e filho. Os dois estão sempre juntos, conversam, comem juntos, passeiam, vão a bares e cinema – percebe-se, a história de uma grande amizade. O estilo lembra a escrita espontânea, com repetições e alguma velocidade narrativa. Sem aquela despretensão de Kerouac, mas, ainda assim, despretensioso e leve, em um único instante, confuso. Ressalte-se, sobretudo, a qualidade estética do texto.

3

Uma mulher volta ao Rio , depois de algum tempo, e encontra o seu principal personagem, da mulher e da história: o calor. É o que mais gosta, o que mais admira nessa bela cidade. A partir deste tema, Tatiana Salém Levy escreve um conto com os ingredientes utilíssimos de uma narrativa epistolar, ou de uma conversa ao telefone, pessoal, numa sala de apartamento ou por e-mail. Ou simplesmente mental, não telepática, mas por desejo de uma conversa, daí as intervenções de um “meu amor” ou o coloquial “você” – tom frequente do conto –, tudo numa narrativa que parecia tradicional, com um toque de qualidade, tornando-se ainda uma

espécie de monólogo interior, sem que seja algo fixo, permanente, com algumas frases de efeito como “só a solidão faz sentido” ou “a terra se alimenta dos seus mortos: o presente, de seus fantasmas”, o que não é, em absoluto, um defeito.

Em Julian Fuks o que se destaca de imediato, visivelmente, sem descuido, é a criação do personagem ou dos personagens. De forma que nele, a história – ou a narrativa – está submetida ao personagem, ao que nele é definitivo ou sistemático. Os diálogos são internos com aspas. Aliás, as aspas em literatura só são mesmo necessárias quando reforçam a dramaticidade, e isto é que não falta em *O jantar*, belíssimo exemplo de conto que circula pelo psicológico denso, inquietante, dramático. Lembrando que as aspas são comumente chamadas de urubu da página, daí este aspecto denso e trágico. Aliás, Ismail Kadaré usa o recurso muito bem em *Abril despedaçado*, em especial numa conversa de pai e filho sobre assassinatos. É para isso com certeza que serve a técnica. Para dar ao texto o diferencial entre o escritor meramente espontâneo e aquele que conhece a intimidade da sedução do leitor.

É claro que a *Granta* ainda apresenta uma variedade considerável de técnicas, e de conquistas narrativas. Mas tivemos de nos concentrar em alguns contistas porque são muitos. Enfim, é o que se pode dizer. E agradecer que os nossos jovens escritores não tenham caído na mediocridade que afunda o país, contando histórias por contar e isso basta, para agradar ao gosto comum ou para fazer sucesso pelas quebradas. Não, não basta, é preciso conhecer as técnicas e elaborá-las para alcançar os melhores resultados criativos. Literatura não é ciência política nem história nem sociologia nem antropologia, nem sequer música, muito menos psicanálise – mero conteúdo ou pano de fundo. Literatura é literatura, com as suas notáveis conquistas artísticas. Pertence ao campo da arte, e não à fuleira cultura de massas, às vezes confundida com a cultura popular, ou, de propósito confundida.

MERCADO EDITORIAL

Como criar uma nova geração de leitores

Editora Pulo do Gato é bom exemplo da atual fase da literatura infantil no País

Gianni Paula de Melo



KAATJE VERMEIRE/DIVULGAÇÃO



Alguns episódios nos últimos meses me fazem acreditar que a literatura infantojuvenil vem adquirindo um respeito maior no meio da crítica literária. Uma mudança realizada a passos de formiguinha, é bem verdade, mas, ainda assim, em andamento. Chamou-me atenção, por exemplo, a criação de um espaço específico para apreciações destas obras no jornal *Rascunho*, um dos mais conhecidos suplementos literários do país, que levou 12 anos para criar sua seção *Rabisco*. A razão desta atenção crítica, no entanto, não é gratuita, tampouco indica um despertar espontâneo dos resenhistas. Há, por um lado, um crescente exercício teórico sobre esta produção sendo realizado no âmbito acadêmico, por outro, o surgimento ou a consolidação de várias editoras infantojuvenis – ou com catálogo nesta categoria – de real compromisso estético com seu público. É nesse contexto que surge a Pulo do Gato, novo selo que vem lançando tanto títulos para leitores em formação, quanto para os formadores de leitores.

Em um ano de vida, a pequena editora já conquistou dois selos Altamente Recomendáveis pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, além de ter entrado em algumas listas de revistas especializadas. A iniciativa de criação foi acalentada durante anos por Márcia Leite e Leonardo Chianca, casal de proprietários que traz longa experiência na área. Ambos são escritores e editores, sócios do estúdio editorial Jogo de Amarelinha. Esta empresa, no entanto, presta ser-

viços para outras editoras, enquanto a Pulo do Gato é um projeto pessoal e independente. O desejo já antigo era, justamente, poder publicar livros criteriosamente selecionados. “Nossa editora tem uma intenção muito clara na definição dos fundamentos de nosso catálogo (que ainda está engatinhando): a construção de uma coleção pautada na qualidade literária e gráfico-visual. Dedicamo-nos à seleção e produção de livros especiais, em que texto e imagem dialogam entre si. Temos uma ideia muito pretensiosa: queremos contribuir para a formação de futuros leitores literários”, comenta Márcia.

A autora e educadora sabe que este não é um caminho fácil para se legitimar artisticamente, pois, como apontei no início, existe uma resistência da crítica para fazer a apreciação de obras que travam diálogo com as crianças. “Quantos veículos midiáticos se dedicam a investir na divulgação da literatura para crianças e jovens? Quantos deles reservam cadernos, páginas ou até mesmo pequenos espaços para matérias sobre literatura destinada aos leitores em formação? Até mesmo a ‘literatura adulta’ não recebe o holofote que deveria se comparada ao espaço dedicado à indústria cinematográfica”, observa. De certa forma, um comportamento associado ao altíssimo número de publicações comprometidas com os currículos disciplinares, com temas definidos, com uma pedagogia de valores e conteúdos. Esta indústria do livro infantil que quase não oferece o exercício de liberdade da arte ao seu leitor injetou na crítica certa



rejeição generalista. O que resta às editoras sérias, diante deste quadro, é um grande desafio.

No caso da Pulo do Gato, o que percebemos, a princípio, é uma aposta em autores estrangeiros pouco conhecidos no país. “Optamos por iniciar nosso catálogo com obras traduzidas de inegável qualidade e que se afinam ao conceito que desejamos imprimir ao nosso catálogo (o que não quer dizer que não é possível conseguirmos o mesmo objetivo com autores e ilustradores brasileiros). Foi apenas uma decisão inaugural de começarmos com títulos de editoras estrangeiras, às quais admiramos pelo cuidado, qualidade e literariedade de suas produções. A próxima etapa é cuidar para que consigamos publicar livros de autores nacionais com a mesma excelência”, explica a editora. Dois títulos da atual coleção já se destacam pelas ilustrações primorosas, são eles: *Mari e as coisas da vida* e *A mulher gigante da casa 88*. Escritos pelos belgas Tine Mortier e Geert De Kockere, respectivamente, ambos trazem imagens criadas pela ilustradora Kaatje Vermeire, que investe na técnica de colagem e abusa dos efeitos de textura.

Uma obra que talvez seja um pouco mais familiar aos pais leitores é *Juca e Chico – História de dois meninos em sete travessuras*. Escrito em 1865 por Wilhelm Busch, com título original *Max and Moritz*, o clássico foi traduzido no Brasil por Olavo Bilac e narra em versos as estripulias de dois garotos de índole controversa. Semelhante à ambiguidade existente em *Pinóquio*, o

livro dispensa a representação politicamente correta da infância, mostrando de forma bem-humorada como os princípios éticos ainda estão frouxos nesta fase da vida, mas tendo, como toda a literatura infantojuvenil alemã do século 19, certa inclinação normativa. Este aspecto, no entanto, não se sobrepõe à qualidade literária do texto e a própria pedagogia do castigo apresentada pelo livro seria olhada de forma crítica por qualquer criança de hoje em dia.

Agora, se você é ou tem um pai não leitor, o ideal é começar pelo irônico *Como ensinar seus pais a gostarem de livros para crianças*, do francês Alain Serres. O breve livrinho ilustrado funciona como crítica aos pais que, por motivos diversos, não partilham o momento de leitura com os filhos ou, antes, não contam histórias para eles enquanto estes ainda não dominam o idioma. Há crítica aos céticos (“que acham que as fadas nunca existiram e nunca existirão...”), aos demasiadamente sérios (“que acha que livros para crianças só contam histórias malucas...”), aos superprotetores (“tremem só de pensar que podem encontrar a palavra MORTE em algum livro seu...”), aos pouco familiarizados com os versos (“acreditam que a poesia não é fácil de entender...”) e aos moralistas (“preocupados em dar de cara, sem nenhum aviso, com algum pipi...”).

No rastro dos livros que já estão disponíveis nas prateleiras das livrarias, como os que acabei de citar, estão previstos mais alguns lançamentos para este ano. Márcia, no entanto, é bastante lúcida

quanto às limitações de uma editora de pequeno porte: “Além dos títulos já publicados, temos mais dois em gráfica que sairão este ano. Existem ainda mais de 20 livros de literatura para crianças e quatro ou cinco para jovens leitores em produção. Estabelecemos uma meta de acordo com o tamanho de nossas pernas, e vamos imprimir-los aos poucos, uma média de 12 títulos por ano”, adianta.

GATO LETRADO

Tão necessária quanto a formação de leitores literários é a formação dos formadores de leitores. A larga experiência em educação, juntamente à carreira artística, fez com que Márcia Leite estivesse sempre alerta às demandas bibliográficas deste meio. Formada em Literatura e Língua Portuguesa pela PUC-SP, ela atua na área educacional desde 1981 e agora também contribui através dos textos publicados pela coleção Gato Letrado, editada pela Pulo do Gato. “Tenho um compromisso pessoal com a formação de leitores, sou educadora há quase 30 anos. Acreditamos piamente que sem formação de formadores de leitores não há leitores. A coleção Gato Letrado foi a forma que encontramos, no mercado editorial, de assumirmos nosso compromisso, apresentando e publicando títulos inéditos no Brasil sobre temas relacionados à cultura da escrita de alguns dos mais atuantes e reconhecidos pensadores contemporâneos na área”, explica.

A coleção promove reflexões sobre a importância da leitura e da literatura, além de incentivar ações que favoreçam o trabalho de formação de leitores literários, sobretudo crianças e jovens. Destinados a professores, bibliotecários, escritores, editores, pesquisadores e, por que não, pais, a Gato Letrado já conta com seis livros, sendo dois das escritoras colombianas Silvia Castrillón (*O direito de ler e de escrever*) e Yolanda Reyes (*Ler e brincar, tecer e cantar*), dois das argentinas María Teresa Andruetto (*Por uma literatura sem adjetivos*) e Cecilia Bajour (*Ouvir nas entrelinhas*), um

“O melhor livro é aquele cujo texto está a serviço unicamente da própria literatura”, afirma a editora Márcia Leite

do mexicano Daniel Goldin (*Os dias e os livros*) e um da brasileira Marina Colasanti (*Como se fizesse um cavalo*).

Com previsão de mais três lançamentos para o próximo ano, a Gato Letrado traz textos de fácil apreensão e visa a contribuir aos meios educativos, onde transmitir o gosto pela produção literária nem sempre tem sido uma tarefa bem-sucedida. Levando em conta, propriamente, as instituições de ensino, Márcia divide conosco a leitura que faz do trabalho dos professores a partir da sua vasta experiência: “Creio que quando temos como meta a formação de leitores literários na escola, não há cilada maior que tentar seguir receitas ou critérios fechados – como apenas a classificação por temas, por tipologias, por idade, por níveis de leitura, por ensino de valores, por afinidade com os conteúdos. O melhor e mais honesto critério que conheço é o da seleção por qualidade literária e artística, o melhor livro é aquele cujo texto está a serviço unicamente da própria literatura, da inventividade, da possibilidade de falar a cada leitor de um modo particular”, defende. Sua impressão final sobre a escola como espaço de estímulo é, felizmente, positiva: “Acho que a escola pode, sim, formar leitores literários quando existe respeito e compromisso com a literatura durante a seleção de livros, interesse em promover a formação do leitor e, principalmente, a presença de um mediador disposto a compartilhar leituras, a escutar a voz do livro e dos leitores, a provocar, com brilho nos olhos, desejo pelos livros que sugere a seus alunos”, conclui.

HUMOR, AVENTURA E HISTÓRIA EM LIVROS PARA ADULTOS E CRIANÇAS



Assine.

Revista Continente.

Conteúdo é tudo.

0800 081 1201

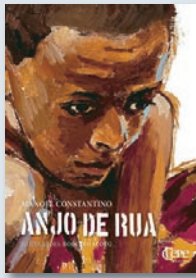
e-mail assinaturas@revistacontinente.com.br



O CONTO DO GAROTO QUE NÃO É ESPECIAL
Lucas Mariz

Primeiro colocado da categoria Infantil no I Concurso Cepe de Literatura Infantil e Juvenil, realizado em 2010. Conta a história de um menino comum, igual a de outros de sua idade, mostrando que ninguém precisa de superpoderes para ser feliz. Ilustrações de Igor Colares.

R\$ 15,00



ANJO DE RUA
Manoel Constantino

Primeiro colocado da categoria Juvenil no I Concurso Cepe de Literatura Infantil e Juvenil. Inspirado na história real de um menino que viveu nas ruas do Recife, mostra como uma amizade pode perdurar, mesmo na adversidade. Ilustrações de Roberto Ploeg.

R\$ 20,00



A CABRA SONHADORA
Luzilá Gonçalves Ferreira

A cabrinha Cordulina, que sonha com o amor de um lindo bode chamado Matias, vive uma série de aventuras, que incluem voar e tomar banho de cachoeira, até que seu sonho se torna realidade. Ilustrações do artista plástico Luciano Pinheiro.

R\$ 15,00



O FOTÓGRAFO CLÁUDIO DUBEUX
Claudia Poncioni

Álbum que reúne fotografias tiradas pelo empresário, industrial do açúcar e fotógrafo amador. Possui um rico acervo documental da expansão da malha ferroviária do Nordeste e do cotidiano das famílias recifenses do século 19.

R\$ 95,00



PONTES E IDEIAS
Louis-Léger Vauthier

O livro mostra o lado humanista do engenheiro francês que projetou obras modernizadoras no Recife do século 19, a exemplo do Teatro de Santa Isabel e do Mercado de São José.

R\$ 60,00



AMARO QUINTAS: O HISTORIADOR DA LIBERDADE
Amaro Quintas

O volume reúne as obras *A Revolução de 1817*, *O sentido social da Revolução Praieira* e *O padre Lopes Gama político*, que espelham um trabalho em boa parte voltado para os movimentos libertários brasileiros, fazendo de Amaro Quintas pleno merecedor do título de *O Historiador da Liberdade*.

R\$ 60,00



PANO RÁPIDO
Joca Souza Leão

A obra é uma compilação de breves e bem-humoradas histórias de escritores, jornalistas, artistas, poetas, políticos, populares e boêmios pernambucanos, anteriormente publicadas na coluna do autor na revista *Algomais*.

R\$ 40,00



TAPACURÁ
Homero Fonseca

Segunda edição da obra *Viagem ao planeta dos boatos*. O leitor acompanha o rumor de que a barragem de Tapacurá havia estourado a partir de relatos, incluindo, no caso mais recente, a repercussão do mesmo em redes sociais.

R\$ 15,00



POEMAS
Daniel Lima

Há meio século, o Padre Daniel produz uma poesia de qualidade singular, mas que zelosamente subtrai ao olhar do grande público. Agora, os amigos venceram sua resistência em publicar os versos e juntaram quatro de seus livros inéditos neste magnífico volume.

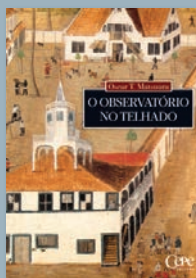
R\$ 45,00



TAP: SUA CENA & SUA SOMBRA
Antonio Edson Cadengue

Antonio Cadengue, que estudou o Teatro de Amadores de Pernambuco por 10 anos, mostra seus momentos mais significativos, assim como as excursões feitas em diversas cidades e capitais brasileiras e as suas principais montagens.

R\$ 90,00
(box com 2 volumes)



O OBSERVATÓRIO NO TELHADO
Oscar T. Matsuura

Resultado de anos de estudo sobre a vida e obra de Jorge Marcgrave, o livro faz parte da comemoração do 4º centenário de nascimento do principal responsável por grandes estudos astronômicos e cartográficos em Pernambuco.

R\$ 25,00

Cepe
EDITORA

FAÇA SEU PEDIDO **0800 081 1201** livros@cepe.com.br

INÉDITOS

Reginaldo Pujol Filho

Uma frase para a posteridade

Quando da abertura do testamento do pai, a mãe ficou com a casa na cidade e algum dinheiro; a irmã recebeu a casa da praia, o carro e algum dinheirinho; a outra irmã, um pedaço de terra e um outro algum dinheirinho; e ele herdou do pai uma frase.

...deixo-lhe esta frase...

Esta frase? Uma frase? Que frase? Parece óbvio e talvez um lugar comum, mas com certeza óbvio, que ele fez uma dessas – quem sabe todas – perguntas, releu o testamento, soube que o pai disse ainda que o filho saberia viver com a frase e, por fim, ele ficou com a frase.

Mas uma frase?

Saiu da leitura do testamento com a frase (uma frase até bonita, ele pensava) se perguntando o que fazer daquela soma de palavras. O que fazer do legado do seu pai.

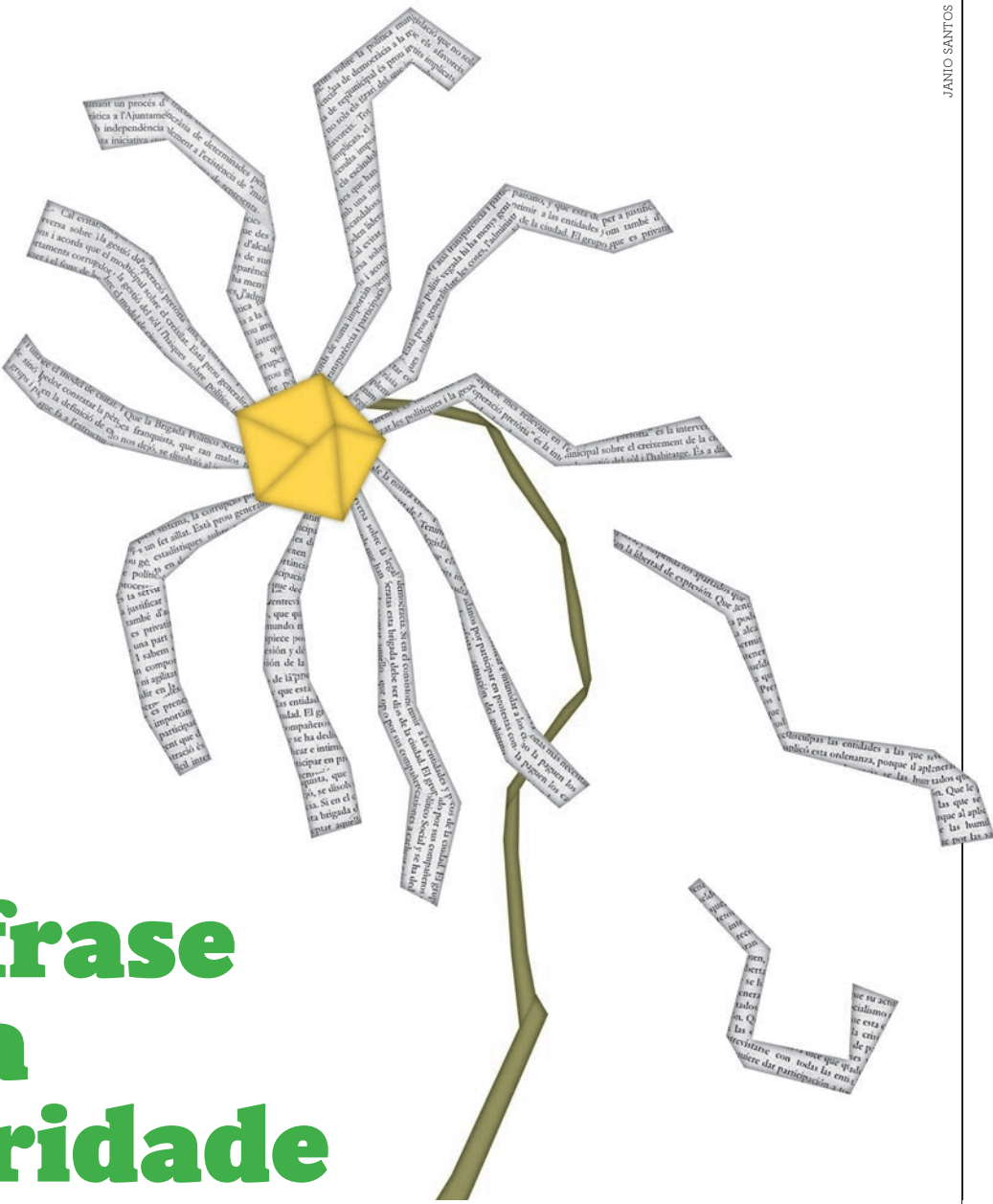
A primeira hipótese que lhe ocorreu foi tentar o mercado publicitário. A frase poderia virar um slogan famoso, que tal uma frase de efeito, persuadir multidões, a frase, afinal de contas, poderia valer os seus tostões. E ele saberia viver com seus tostões. Bateu de porta em porta com a sua frase embaixo do braço, mas ninguém se interessou. Deu uma polida na frase e se meteu em algumas passeatas, talvez seu destino – da frase – fosse ser uma poderosa ordem, capaz de mudar o mundo, inclusive o dele que se tornaria um líder, possuidor de uma frase tão memorável quanto *I have a dream*. Andou por greves de bancários, professores e funcionários públicos. Manifestações de estudantes, comícios e reuniões sindicais. Às vezes a falta de *timing*, às vezes a falta de contexto, às vezes o excesso de barulho mesmo. Nunca a frase foi percebida pelos outros. Ora, mas frases têm muito mais finalidades. Tentou começar

um livro com ela e parou. Quem sabe no final do livro? Sim, mas e o resto? Não veio. Separou palavra por palavra e tentou registrar a patente do que compunha sua frase. Viver dos royalties, muitos fazem isso. Ele não faria: não lhe concederam o registro das palavras, não era permitido. A essas alturas, a mãe já tinha vendido a casa e se mudado para Miami, a irmã tinha dado o mesmo destino para a residência de veraneio e, com os dividendos, havia aberto e falido um negócio. A outra irmã produzia alimentos orgânicos e enriquecia no seu pedaço de terra. E ele. Aquela frase que não virava palestra, não era aceita sequer como conselho pelos amigos, nem o analista aceitou a frase-herança que já começava a incomodar. Sentenciou o doutor que ele deveria saber conviver com aquela frase. E depois cobrou por isso.

Conviver com a dita. Era o que mais ele fazia. Conviver com a sua frase, a frase do seu pai. Em sonhos, no espelho embaçado, na sua carteira, no meio da narração do futebol, em notícia de jornal, sempre ela. Lá. Ali. Letra por letra, se transformando numa grande interrogação.

Já tantos anos desde aquele testamento, resolveu tirar o ponto de pergunta que havia se encostado na frase. Uma frase é só uma frase, tantas por aí, não há o que se fazer com ela, provavelmente ele pensou, já que se levantou do sofá, foi até o quarto e pegou a frase e guardou, de uma vez por todas, no canto de uma gaveta, junto do time de botões, de um pião mais velho que ele, de algumas fotos e mais algumas memórias. Trocou de camisa e saiu com os amigos.

Foi nessa noite que conheceu ela. E nessa noite uma frase disse na sua cabeça que ele queria ter um filho.



INÉDITOS

Ronaldo Cagiano



Voltei para casa com a sensação de uma absoluta solidão.

“O túnel”
Ernesto Sábato

, mas aparecem todos os finais de semana, de bus, van ou metrô até chegar ao outro lado da cidade, a imensa ilha cujo mar é o céu infinito, pássaro nascido da prancheta, com suas enormes asas abertas sobre o cerrado. O sono despertado pelo interfone, eu ali, semiacordado da madrugada que ainda me prostrava com seu chumbo na manhã ociosa. Eles, pontuais e esperançosos, esperavam o meu abraço, o beijo, uma festa nos olhos conspurcando o endereço inóspito. Antes de entrarem, apesar de terem a chave, pressionavam a campainha num toque prolongado, *acho que o pai ainda está dormindo, Maninha*, talvez por temerem invadir a privacidade, era sempre bem cedo, como se não quisessem perder um minuto do direito à visita, essa palavra burocrática e cerceadora, eu percebia pelo olho mágico a face (e)terna, *deve estar se vestindo*, ela falava ao Dudu, eles vinham para o lugar que um dia foi deles, e meu sorriso tentava empanar a face ainda desfigurada, a garganta congestionada por hálito e emoção, a impossibilidade de tantas perguntas, apenas os filhos ali – um casal, mocinhos já – e não se lembrariam mais dos primeiros choros, as cólicas abreviando as noites, seus corpos buscando afagos enquanto a febre latejava, e agora são eles numa sondagem silenciosa e aflita com um olhar-escafandro penetrando o insondável em mim, bateia no aluvião de minhas tristezas, mergulhados mais fundo do que nunca numa água desconhecida, mas o que são os filhos senão o barco que lançamos rumo ao mar existencial, lá onde não podemos mais chegar e

alcançá-los, onde a fúria da vida impõe suas fadigas e descaminhos. Sim, fomos filhos um dia, mas em que águas me lancei, que a mesma distância entre mim e seus avós parece multiplicada entre nós, agora esses corpos frágeis, tão cedo carregando o peso da realidade? Acho que jamais soube o que era tudo isso, ainda mais agora, longe da rotina de febres e choros ensurdecendo a casa, quando esse outono consterna a cidade com a prostração das cores, a janela é um convite para uma fronteira que não conheço, os olhos apertados, não querendo ceder lugar às lágrimas, procuram procuram procuram e, extenuados, só pescam lembranças no lago turvo de um tempo que a gente não reconstrói mais, pois vai embora como a vida, como vão a poeira e a folhagem seca sob o telhado, escoiceadas pelos ventos de dezembro, essa dor maior que o crime de Deus existir e não fazer nada, esse acúmulo de epidermes mortas, jazigo de guerras conjugais, e *amanhã é domingo, pé de cachimbo*, (e as cidades morrem aos domingos, como morre nosso espírito calejado de ausência e silêncios), o apartamento está vazio como habitada por fantasmas está a Esplanada dos Ministérios, esses inexpugnáveis caixotes que albergam tantos segredos, e quando eles entram, são as perguntas de sempre, são os laços rompidos, são seus olhares inertes sobrevoando os cômodos, esquadrinhando os retratos sobre a cristaleira, é a alma um pomar de lacunas e lá embaixo é o asfalto, o burburinho de carros, as superquadras e seus blocos residenciais (*pombais*, que o velho Euclides, meu professor um dia inquinou e que detestava habitar), enfileirados como um dominó, as cigarras de agosto a plenos pulmões impondo pregão de seu canto histriônico, e a urgência de tudo nas coisas, é o que sobra, é o que miro na estante com a foto da primeira viagem à praia, ele grudado às minhas pernas, ela no colo,

JANIO SANTOS



ali estávamos, no parapeito do grande belvedere do Cristo Redentor que dava para a Baía de Guanabara, e já não são aqueles dias que vejo, é o pranto reprimido que se dissipa com o barulho do caminhar de gás se enviesando sinfônico pelos setores povoados de siglas e sua vinheta imutável, a respiração um pouco mais forte, ah água que eu havia esquecido esquentando na chaleira, tudo parece imperfeito, eles me beijam quando chegam, acomodam-se solenes e calados na velha poltrona como se desconhecêssem o lugar, o dia livre, os móveis, os passeios, enquanto as bonecas hibernam numa gaveta da cômoda travestida em museu de entulhos, o autorama enguiçado (lembro-me do dia em que ele, brilhando como um cometa, o recebeu de minhas mãos – *É meu, pai?*) denuncia que a existência acumula perdas e riscos além das mentiras e ofensas na Vara de família – tudo agora parece acabar antes de começar, o abraço deles, demorado e insubstituível, ainda penetra minha consciência como um punhal em brasa, o quarto os espera como sempre, como se nunca tivessem saído de lá e voltassem de férias, mas os cadernos, suas caixinhas de pertences, a mochila, as roupas espalhadas, as folhas de desenhos coladas na parede, os deveres por fazer – onde estão? Braços apascentam a saudade e eu percebo que a realidade, imperturbável, sequestrou suas faces de criança, depositando feixes de angústias. A casa é a mesma, mas a solidão imperativa os recebe como um estranho. Estrangeiros na própria terra, já não reconhecem os desenhos a lápis de cor que ainda adormecem nas paredes do quarto da empregada. Onde andaré dona Zelina, que ensinou-lhes em nossa ausência as muitas coisas da vida, as sofrências do ver? Há uma sombra pretérita escurecendo os cômodos. Como a pergunta-lâmina que não tem resposta, apenas uma lágrima esconsa. *Pai, o*

que é saudade? Ainda me lembro de quando ele a me cravou, à queima-roupa. E nunca imaginei que um dia seria mais difícil sentir do que explicar. Naquele tempo os passeios ao Jardim Zoológico se revestiam de tamanha aventura, como se juntos flagrássemos o reino da fantasia que nos isolava do mundo e da fugacidade dos infortúnios que a vida prepararia sem postergação nem piedade, eles ainda tinham seus heróis enquanto os meus não sobreviveram a 68 e a plena efervescência da vida em seus poros, a vida, a vida, a vida com suas garras bisonhas é o que nos cabe, quando tudo já é sem a ilusão e a gente vai matando um leão por dia, nas entressafras de dores inesperadas, de inventário do pouco que tínhamos. Agora é mais um fim de semana igual a tantos outros, tudo se repete como as folhas exiladas que a cada outono atapetam o gramado, como as caminhadas à beira do Lago Paranoá, os lanches após as sessões vespertinas nos cinemas do shopping, tudo imutável feito o que há de compulsório nas agendas de trabalho, já não há mais o gíbi, nem os brinquedos espalhados na sala ou os desenhos trêmulos riscados a batom no espelho do banheiro (primeiros esboços de sonhos). O sol insiste em esconder-se lá, dominado por nuvens negras que caluniam a paisagem nessa estação sem graça atropelada pela intransponível secura do Planalto Central, mais suportável que a que instaura o deserto íntimo, soberana e indesviável sentença que parece nunca apartar de nós quando o rio bêbado do tempo, veloz e pleno de fúria, irrompe em nossas vidas como as tantas enchentes de verão que invadiam tsunâmicas minha infância em Cataguases. E esse rio imóvel entre paredes não conduz a lugar algum, apenas reproduz a cada domingo o ritual dos rostos colados que se afastam antes de recriarem a soberania de outras despedidas, enquanto os vejo pela janela se

dissipando no altiplano rumo à parada de ônibus, até se transformarem num ponto minúsculo ao longe, um cisco na paisagem do horizonte longínquo.

Agora o apartamento é um sarcófago que hiberna outras vidas (terão vivido a minha exaustão? carregam o minério bruto de outras frustrações? dão ouvidos à vizinha evangélica, assassina da gramática, palhaçando sua fé bisonha pelos corredores a bordo de uma bíblia surrada?), na vasta planície um vago teor de nuvens, o mofo ampliou seus mapas no terraço do condomínio; as janelas – há tempo fechadas – denunciam o imponderável que há nas coisas. E o olho mágico vislumbra outras criaturas, mas nele resiste a presença invisível de seus rostos, a substância clara de suas almas. Brasília já é um deserto onde só resistem as caliandras.

Ainda me lembro daquelas mãos albergando o afago pressuroso, guardando para o último minuto a despedida formatada no adeus definitivo que não muito longe dali o tempo se encarregaria de um dia amalgamar. E os chicletes coreografando estruturas no ar, a última lembrança da estação deixada nos degraus da escada, uma rodovia desavergonhada implementando o longo sono.

E um ronco do motor, uma trava, uma cancela, o asfalto molhado, os olhos inchados, um gigante ruminando a alma e no fundo, no fundo do cerrado, onde tentei enterrar minhas dúvidas, a dispersão das cinzas em que se converteram as estrelas de seus olhos.

Ainda me lembro: eles apareciam todos os finais de semana, de bus, van ou metrô até chegar ao outro lado da cidade, a imensa ilha cujo mar é o céu infinito, pássaro nascido da prancheta, com suas enormes asas abertas sobre o cerrado.

Ainda me lembro, de como se despediram da última vez, minúsculos pássaros em fuga.

RESENHAS

JANIO SANTOS



Um cartão-postal do Recife que atrasou 30 anos

Em seu segundo romance, Ronaldo Correia de Brito denuncia os anos de chumbo

Schneider Carpeggiani

Existe sempre o momento em que você hesita antes do passo definitivo. Para. Respira e olha para algum ponto indefinido, impalpável. Esse ponto nunca é físico, não pode ser concreto; é interno, subjetivo. É só a partir disso que se decide. Quem se aproveitou do momento de hesitação, costuma dizer que, assim como naquele clichê, a vida passa inteira diante dos olhos como num filme. Algumas cenas P&B; outras coloridas. Tudo muito rápido. Toda uma existência condensada em poucos minutos ou mesmo em segundos. Um curta-metragem sem diretor, mas com uma ilha de edição certa. É assim que começa *Estive lá fora*, segundo romance de Ronaldo Correia de Brito, um cartão-postal enviado diretamente daquele Recife dos anos 1970, que só agora chega até nós, por um extravio do correio, por um extravio da memória.

Estive lá fora vê o Recife como numa foto em

negativo, apesar do desejo do “salto no claro” do seu protagonista, Cirilo, jovem que abandona sua família no Sertão do Ceará para estudar medicina na capital pernambucana e que procura o irmão envolvido na luta contra a ditadura. Para além das lembranças românticas que o recifense costuma ter do seu passado (o recente e o distante), o que Ronaldo nos anuncia é uma cidade acuada, suja e suada. Um inferno, que por si só parece justificar o desejo de “salto no claro”:

“Antes de se atirar nas águas barrentas do rio Capibaribe, Cirilo lembrou as humilhações sofridas de colegas e professores, que não perdoavam sua rebeldia nem seu desprezo por um modelo de ensino corrompido, em meio às sombras da repressão. Por duas vezes escapara de um massacre durante as aulas e quis desistir do confronto. Sentia um absurdo desejo de repetir João Domísio, o tio arrastado pela enchente

do rio Jaguaribe, o corpo branco perfurado de balas, irreconhecível nos redemoinhos da correnteza. Não passou pela cabeça de Cirilo a questão se a vida valia a pena, nem foi a ausência de motivos lógicos para viver que o trouxe à ponte em que se debruça. Sua revolta não se filia a nenhuma causa revolucionária como a do irmão Geraldo. Teria abjurado toda verdade proclamada para continuar andando pelos becos infames do Recife, em meio ao lixo e à merda. Os suicidas jogam com a morte uma peleja cheia de malícia e sedução, trabalham estratégias ao longo de anos e o que chamam de impulso é apenas a cartada final.”

Ronaldo Correia de Brito é mais que um escritor: é um arquiteto de mundos em demolição. Foi assim com o bíblico *Galileia*; é assim outra vez com o Recife trancafiado pela condição política da época, que o autor denuncia como num

freno às avessas do seu segundo romance. Mas apesar do tom político, *Estive lá fora* não nos arrebatava apenas pelo contexto histórico: a grande literatura só faz sentido quando denuncia pelo encantamento das suas palavras, e não pelos fatos sobre os quais discorre. E estamos diante de um grande encantador de palavras, ainda que desta vez elas precisem ser tão áridas.



ROMANCE

Estive lá fora

Autor - Ronaldo Correia de Brito

Editora - Alfabeta

Preço - R\$ 44,90

Páginas - 295

Mariza
Pontes

NOTAS
DE RODAPÉ

LITERATURA E FUTEBOL

Leitores já podem opinar sobre a Bienal Internacional do Livro de Pernambuco - 2013

Os apaixonados por literatura e futebol podem apresentar críticas e sugestões à 9ª edição da Bienal Internacional do Livro de Pernambuco (foto), cujo tema será Literatura, Futebol e Identidades Nacionais, em alusão à Copa do Mundo de 2014. Para isso foi criado o Movimento Bienal Participativa, que receberá as manifestações pelo site www.bienalpernambuco.com/

bienalparticipativa. As sugestões podem ser enviadas através de três fóruns de discussão, criados respectivamente para a participação de expositores, professores da rede estadual de ensino e público em geral. Organizada pela Cia. de Eventos, a Bienal acontecerá no próximo ano, no Recife, quando são esperadas cerca de 300 mil pessoas durante o evento.

DIVULGAÇÃO



REPRODUÇÃO



Sonhos que se perdem

Prestes a completar 50 anos, Caio está numa crise de meia-idade: vive uma vida pacata, confortável e acomodada numa cidade do interior de Minas Gerais. Pai de três filhos, marido da mesma mulher há décadas, empresário bem-sucedido, se confronta com seu passado e seus anseios e os compara com a mesmice da vida atual. Um dos ganchos da narrativa se dá, exatamente, em torno da festa que está sendo organizada para comemorar seu aniversário, na qual esposa e conhecidos se empenharão em reconstruir a aura dos anos 1960, cujo ápice será a apresentação de uma banda *cover* dos The Beatles. Fatos e datas envolvendo o *Fab Four*, aliás, pontuam a narrativa, para que o leitor conheça um pouco do passado, do presente e das angústias sobre o futuro que permeiam os pensamentos do personagem. Terceiro

romance da mineira Clara Arreguy – com orelha assinada pela conterrânea Fernanda Takai –, o livro é um questionamento sobre o que fazemos da nossa vida e dos nossos sonhos, de como eles se perdem no caminho e sobre como recuperá-los. E também uma bela homenagem à banda inglesa.

(Danielle Romani)



ROMANCE
<i>Rádio Beatles</i>
Autora – Clara Arreguy
Editora – Outubro Edições
Preço – R\$ 30,00
Páginas – 90

DIVULGAÇÃO



Quase uma brasileira

Ano passado, quando do centenário de Elizabeth Bishop, foi uma vergonha que nenhum livro seu estivesse disponível no Brasil, sobretudo pela forte relação que essa poeta norte-americana travou com o nosso país, tanto em termos culturais quanto pessoais (sua relação com a brasileira Lota de Macedo Soares é mais do que documentada). A Companhia das Letras vem remediar o caso agora com a edição de *Poemas escolhidos de Elizabeth Bishop*, com introdução, notas e tradução do mais que competente Paulo Henriques Britto. Na obra, está reunida grande parte dos poemas que a autora publicou em vida, além de alguns textos póstumos, inéditos em português. “Como todo poeta lírico, Bishop toma sua própria experiência individual como matéria-prima; como todo artista maior,

com base nesse material pessoal ela cria obras cujo interesse vai além do puramente autobiográfico e pessoal”, observa Britto. Muito dessa faceta da autora pode ser observada em composições como *Uma arte*, talvez seu poema mais famoso, em que a autora faz uma irônica homenagem à perda como força motriz da vida. (S.C.)



POESIA
<i>Poemas escolhidos de Elizabeth Bishop</i>
Autora – Elizabeth Bishop
Editora – Companhia das Letras
Preço – R\$ 44,50
Páginas – 416

PRATELEIRA

RETRATOS DA ESCOLA

Antologia em que autores clássicos e modernos se utilizam do ambiente escolar para falar dos conflitos inerentes à natureza humana, como a ambição, o medo, as dúvidas, a corrupção, a culpa, o arrependimento etc. Mostrando que a escola é a ponte entre a casa e o mundo, autores como Lourenço Diaféria, Affonso Romano de Sant’Anna, Machado de Assis, Marcos Rey e outros contam histórias sobre sua vida escolar e as relações que desenvolveram então.



Organizador: Adriano Macedo
Editora: Autêntica
Páginas: 88
Preço: R\$ 29,00

MEU VIZINHO É UM CÃO

A vida monótona de uma garota, moradora de um pacato edifício, é alterada com a chegada de novos vizinhos, que incluem um crocodilo e outros bichos. A menina se apaixona pelos animais, mas seus pais e outros moradores não aceitam a estranha vizinhança. A obra mostra a importância da aceitação do outro. As ilustrações de Madalena Matoso promovem um detalhado percurso visual pelo prédio, surpreendendo o leitor.



Autora: Isabel Minhós Martins
Editora: Cosac Naify
Páginas: 32
Preço: R\$ 39,00

RISCO DE INFIDELIDADE

Romance policial que apresenta o detetive novaiorquino Vincent Calvino, descendente de judeus italianos, que vem ao Brasil ao investigar um esquema de tráfico de drogas, seguindo pistas coletadas desde Bangkok. A apurada percepção do detetive e sua capacidade de sobrevivência são colocadas à prova quando ele se depara com homens ricos e poderosos, envolvidos numa intrincada teia de intrigas e corrupção.



Autor: Christopher G. Moore
Editora: Record
Páginas: 364
Preço: R\$ 42,90

A SOPA DE KAFKA

O autor e ilustrador Mark Crik reúne 14 receitas, cujo preparo ele relata com muito humor, parodiando o estilo de grandes escritores da literatura mundial, como Homero, Jane Austen, Jean Cocteau e outros. Feita para agradar *gourmets* e amantes da literatura, a obra inclui pratos como Tiramisu à moda de Proust, Sopa Rápida de Missô à Franz Kafka, Cordeiro à la Raymond Chandler. As ilustrações parodiam artistas como Van Gogh, Andy Warhol e outros.



Autor: Mark Crik
Editora: Paz e Terra
Páginas: 96
Preço: R\$ 32,00

RECORDE

Editores dividem com o público sucesso de vendas

O crescimento de 7,2% no total de exemplares vendidos pelas editoras brasileiras, segundo pesquisa da Fipe/USP, desmente totalmente quem apregoa a morte do livro impresso. O percentual indica cerca de meio milhão de livros vendidos em 2011, um recorde para o setor no Brasil. Houve quase 60 mil novas publicações, das quais, mais de 20 mil foram lançamentos.

E-BOOKS

Títulos digitais estão aquém do esperado

Ao contrário do que se esperava, os títulos digitais não têm influência significativa nos resultados da pesquisa da Fipe. Apenas 5.200 títulos em formato digital foram lançados no Brasil, no ano passado, o que equivale a apenas 9% do total de edições. Em termos de vendas, isso representou um faturamento de apenas R\$ 870 mil. Mas espera-se que o mercado cresça em 2012.

CONCURSOS

Abertos mais de 20 prêmios literários

Os escritores brasileiros têm mais de 20 chances de prêmios literários até o mês de dezembro. Em setembro, serão 11 concursos, estão previstos sete para outubro e cinco em novembro. Um deles é o Concurso de Contos Inéditos – Prêmio Nacional Ideal Clube de Literatura, de Fortaleza, que oferece R\$ 30 mil ao vencedor. Os detalhes estão concursos-literarios.blogspot.com.br

CRÔNICA

Julián Fuks

Preferia estar em silêncio?

Pedem ao escritor que converse com o mundo. Pedem, por obséquio, que por umas poucas horas ele desvie os olhos de suas páginas inacabadas, que neste dia não se encerre entre os livros de seu escritório, que possa atravessar o corredor de sua casa e sair a passos largos, que tome um táxi para não se perder pelas ruas tão caóticas. Querem que tenha vestido seu melhor terno ou o que equivalha a um terno nestes tempos de deselegância programada. Pedem, por favor, por aqui, que se sente no centro do palco de um grande auditório, relevando as escassas poltronas ocupadas, guardando para si seu comentário bem-humorado, o escritor como celebridade tão precária. Querem que limpe a garganta e enfim fale, improvisando ou fingindo improviso mas mantendo a eloquência que lhe é tão própria, sobre tudo o que pensa, o que vive, o que sente, o que lhe ocorre.

Por que escreve, o mundo não lhe pergunta, mas sim uma senhora abnegada na segunda fila que sempre se presta a seguir o protocolo. O escritor tem à sua disposição a infinidade de respostas já dadas por escritores em circunstâncias similares, ou ao menos as que ele pode acessar na infinidade de sua memória, e não há problema, não se preocupe, verdadeira ou falsa qualquer resposta é válida. Convém que remeta ao dia longínquo da infância em que descobriu seu fascínio pelas palavras, sua relação tão íntima com a linguagem. Mas o escritor quer dizer: escrevo porque não falo, ou porque falo mal, não sei conversar. O que digo, digo errado, nunca acerto direto uma frase. Meu pensamento é lento, minhas primeiras ideias são sempre as piores. Talvez não pareça, mas o escritor sofre de uma gagueira da alma, e escreve para disfarçá-la.

Preferia estar em silêncio? Agora a pergunta soa como se fosse feita pelo mundo, mas vem na voz de um jovem sentado bem mais ao fundo no auditório, provavelmente escritor, certamente desconfiado, sem saber se deve continuar assistindo ou se ganha mais voltando para casa. O escritor que ocupa o palco tem agora que apelar a alguma autoridade maior, a alguém que tenha merecido o adjetivo laudatório anteposto à identificação de praxe: uma grande escritora. Disse uma vez, aquela grande escritora ucrano-brasileira, que a pequena projeção de que ela era vítima feria seu pudor; que, depois de perder o anonimato, o que ela queria dizer ela não podia mais. Disse que preferia ficar calada. Que tinha um grande silêncio dentro de si, e que esse silêncio, mais precioso que tudo, era a fonte de suas palavras.

Essas frases, ou algumas semelhantes, o escritor recupera de um caderno que leva sempre a tiracolo, caderno íntimo onde dispõe suas acanhadas anotações, caderno que devia servir somente para ele, para alimentar sua escrita, mas que ele tem começado a usurpar nessas ocasiões. Querendo agora cobrir o silêncio que se cria no anfiteatro desprovido de qualquer atração melhor, ocorre-lhe contar a história de mais um grande escritor, um argentino que em sua juventude jurara com toda firmeza em seu caderno íntimo: “Não permitirei que ninguém penetre nos meus cadernos, como fizeram com Kafka e Pavese. Não morrerei. Escolherei com o tempo qual é a palavra justa e necessária que devo dizer, e o resto atirarei ao fogo.” Por uma dessas inesperadas desventuras da vida, esse escritor morreu. Há de ter lhe faltado uma lareira, pois essa e outras anotações foram publicadas alguns anos depois entre seus *Papeles de trabajo*, um vultoso volume com seus inéditos até então.

Ninguém dirá, mais tarde, que a breve apresentação do escritor foi um fracasso, tampouco um sucesso. De volta à sua casa, ainda trajando seus melhores sapatos, protegido entre as paredes forradas de livros de seu escritório, o escritor se deixa envolver pelo silêncio e observa pela janela o mundo em movimento, o vento agitando as folhas das árvores, os carros que passam, a cidade refletindo-se em seus vidros fechados. Conversar com o mundo? Tanto melhor se o mundo conversasse comigo, se falasse por mim, ele sussurra quase sem mexer os lábios, e prefere não anotar a ideia precipitada.



JANIO SANTOS